

**Fábio Farias de Moura**

# **Pantera: Oito décadas de futebol do Democrata de Figueira do Rio Doce**

Viçosa - MG

Curso de Comunicação Social - Jornalismo

Setembro, 2013

**Fábio Farias de Moura**

# **Pantera: Oito décadas de futebol do Democrata de Figueira do Rio Doce**

Projeto experimental apresentado ao curso de Comunicação Social/ Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa, como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Mariana Ramalho Procópio Xavier

Viçosa - MG

Curso de Comunicação Social - Jornalismo

Setembro, 2013

**AGRADECIMENTOS**

A execução deste Trabalho de Conclusão de Curso não seria possível sem o apoio de todas as pessoas envolvidas no processo. Sozinho, certamente não alcançaria este objetivo.

Agradeço, primeiramente, à minha orientadora, Mariana Procópio. Desde o momento em que a convidei para orientar este projeto, contei com um apoio sem restrições, em todos os percalços do caminho. Ela assumiu o projeto, já em andamento, após o abandono sem aviso prévio de outro professor do Departamento de Comunicação Social da UFV. De lá até aqui apoiou, orientou e, principalmente, criou diversos caminhos pra que eu conseguisse cumprir as metas propostas para este trabalho – mesmo quando eu não dispunha de tempo hábil para tal.

Agradeço imensamente ao Grupo XistoLouco. Um sonho cunhado ainda em nossa graduação e que agora começa a dar os seus primeiros passos. A contribuição dos membros da produtora para este trabalho dificilmente pode ser descrita aqui. Com eles aprendi que o jornalismo não é feito da forma que corriqueiramente vemos por aí. Desenvolvemos juntos um conceito daquilo que acreditamos ser essencial em produções audiovisuais e tudo isso está embutido na obra que acompanha este memorial. Não há como elencá-las, pois tais influências vêm desde um simples plano até as construções narrativas mais complexas.

Entre os membros, destaco aqueles que contribuíram de forma efetiva. Muito obrigado Daniel Fardin, Rodrigo Castro e Thiago Soares. Cada um, à sua maneira e a seu tempo, dedicou-se incondicionalmente para a conclusão deste documentário.

## **RESUMO**

*Pantera: oito décadas de futebol do Democrata de Figueira do Rio Doce* é um documentário de longa-metragem produzido como Trabalho de Conclusão do Curso de Comunicação Social com habilitação em jornalismo. Times de futebol pelo interior do Brasil com torcidas apaixonadas e dedicadas, por menores que sejam, não faltam. Porém, alguns desses clubes são muito mais do que isso. O E.C. Democrata nasceu do anseio dos pioneiros da Figueira do Rio Doce - hoje Governador Valadares - em “bater uma bola”. Mas foi muito além. Grandes campanhas, ídolos, dificuldade financeira e torcedores que não saem dos alambrados das arquibancadas metálicas do seu estádio. A cidade parava e ainda para pra ver todos os seus jogos - e até alguns treinos -, mesmo agora, na segunda divisão do Campeonato Mineiro. São oitenta anos descritos com riqueza de detalhes por mais de trinta entrevistados e uma infinidade de materiais de arquivo. Em relação aos pressupostos teóricos, adotamos a contribuições de pesquisadores acerca das produções audiovisuais, do gênero documentário, das memórias coletivas e, por fim, da história oral. Quanto à metodologia adotou-se a prática padrão para esse tipo de peça audiovisual: pré-produção (pesquisa bibliográfica e de arquivo, pré-entrevistas), produção (entrevistas e coleta do material de arquivo) e pós-produção (roteiro e montagem do documentário).

#### **PALAVRAS-CHAVE**

Esporte Clube Democrata; Governador Valadares; documentário; futebol; dslr.

#### **ABSTRACT**

*Pantera: eight decades of football of the Democrata of Figueira do Rio Doce* is a documentary feature film produced as a final project of the course Social Communication in journalism. Football teams in the interior of Brazil with passionate and dedicated supporters, however small, abound. However, some of these clubs are much more than that. The E.C. Democrat born of the yearning of the pioneers of Figueira do Rio Doce - today Governador Valadares - in "hit a ball". But it was far beyond that. Major campaigns, idols, financial hardship and fans that do not leave the fences of metal bleachers on its stage. The town still stop and stop to see all their games - and even some workouts. Even now, in the second division of Mineiro Championship. Eighty years are described in great detail for over thirty respondents and a plethora of archival materials. Regarding the theoretical assumptions, we adopt the contributions of researchers of audiovisual productions, the documentary genre, the collective memories and, finally, the oral history. Regarding the methodology adopted is standard practice for this type of audiovisual piece: pre-production (literature and archival, pre-interviews), production (interviews and collecting archival material) and post-production (script and mount documentary).

#### **KEY-WORDS**

Esporte Clube Democrata; Governador Valadares; documentary; football; dslr

#### **SUMÁRIO**

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	6
	4

<b>CAPÍTULO 1: O GÊNERO DOCUMENTÁRIO E A REPRESENTAÇÃO DO REAL.....</b>	<b>11</b>
<b>CAPÍTULO 2: MEMÓRIA E HISTÓRIA ORAL.....</b>	<b>17</b>
<b>CAPÍTULO 3: RELATÓRIO TÉCNICO.....</b>	<b>23</b>
3.1. Pré-produção.....	23
3.2. Produção.....	27
3.3. Pós-produção.....	36
3.4. Material, cronograma e orçamento.....	41
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>43</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>45</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>48</b>

## **INTRODUÇÃO**

Empoeirado, quente e pouco desenvolvido no início do século XX, o distrito da cidade de Peçanha começou a desfrutar do crescimento quando os trilhos da Estrada de Ferro Vitória

a Minas foram fixados em suas terras. E junto com a estrada de ferro, veio também o desenvolvimento. Figueira havia se tornado um entreposto comercial em meio àquela ferrovia que ligava a capital capixaba ao município de Diamantina. O lugarejo começava a atrair a atenção governamental, ao instalar por aqui alguns órgãos como, por exemplo, a Coletoria Federal de Impostos. Atraiu também vários homens deslumbrados com as novas possibilidades financeiras geradas com este advento.

Manso de Andrade foi um deles. Já na década de 20, ao chegar à Figueira, trouxe em suas malas os primeiros aparatos futebolísticos que aquele vilarejo iria conhecer. Eram bolas, chuteiras e calções que vinham para substituir objetos ovais ou calçar os pés dos homens que já arriscavam alguns pontapés. Bater uma bola, impressionar garotas ou apenas um programa social interessante para as tardes de domingo. É assim que os historiadores retratam a prática futebolística na Figueira do Rio Doce, da época.

O futebol ganhou o coração dos figueirenses com a criação do Flamengo Foot-ball Club. Todo domingo, após o piquenique, era hora de caminhar em direção ao campo que, à época, situava-se onde hoje está o Colégio Imaculada Conceição, próximo à Igreja Catedral. Lá, foi possível ver o Flamengo crescer e dar os primeiros passos pelo amadorismo.

Anos depois, em 1931, o Flamengo ainda era o único time da cidade e abrigava todos aqueles que enveredavam pelos caminhos do futebol. O número restrito de times na região e a falta de adversários na cidade impulsionaram o desmembramento do Flamengo Foot-ball Club - sem divergências, de acordo com a bibliografia sobre a época. Surgiu ali o Ibituruna Foot-ball Club e os grandes clássicos da Figueira.

Mas o Ibituruna, a exemplo do Flamengo, não restringia suas atuações aos clássicos do vilarejo. Jogou contra times situados, principalmente, ao longo da estrada de ferro. Numa dessas viagens, protagonizou um vexame: Palestra Itália/Cachoeirinha 5x0 Ibituruna. A derrota foi vista não apenas pelo resultado do jogo: Figueira também perdia para Cachoeirinha, uma afronta para o ego dos figueirenses, que se julgavam superiores. A direção do clube e os jogadores se desentenderam na volta pra casa e selaram o fim do Ibituruna.

Porém, o fim da equipe não significou a retração do futebol na Figueira. Alguns jogadores e parte da diretoria do extinto Ibituruna se reuniram no dia 13 de fevereiro de 1932 e decidiram criar a mais nova agremiação futebolística do vilarejo: o Sport Club Democrata. Mais organizado, o Democrata também estabeleceu uma forte rivalidade contra o Flamengo e fez grandes jogos na região. Chegou a uma série invicta de dez jogos contra times situados ao longo da estrada de ferro. Crescia o Democrata e crescia também a Figueira do Rio Doce, pela

força dos mesmos homens. E como resultado disso, em 30 de janeiro de 1938, Figueira emancipou-se politicamente do distrito de Peçanha e ganhou o status de cidade. Á partir de agora seria conhecida e lembrada pelo nome de Governador Valadares.

Mais velho do que a cidade que o abriga, o Democrata é um time pequeno do interior de Minas que, até os dias de hoje, consegue esgotar a sua bilheteria. Sua relação com a cidade não é íntima apenas pelas tardes de domingo com a Av. Sete de Setembro congestionada. Discutido em várias mesas de bar pela cidade, assim como em diversas matérias publicadas pelo Diário do Rio Doce, o Democrata sempre estrelou entre as principais personalidades da cidade. Influenciou a muitos valadarenses, ainda que nem todos se encantem pelo futebol. Mas há muitos daqueles que, por nascerem em Valadares, não torceriam nem mesmo para o seu “primeiro time” - aqueles de maior expressão no cenário nacional - no Mamudão.

Desde então, foram oito décadas de incontáveis histórias, polêmicas, partidas memoráveis e decepções. Muitas decepções, mas também muitas vitórias. E quando digo vitórias, não me refiro a títulos; estes sim são escassos. A alegria dos democratenses se faz por muito menos. Foi assim no vice-campeonato mineiro de 1991 ou no título da segunda divisão em 2005.

Em 2012, após uma atuação pouco vigorosa no Campeonato Mineiro, o Democrata foi rebaixado à segunda divisão pela terceira vez em sua história. Na prática, pouca coisa mudava para o torcedor. O dia dos jogos - segundas à noite - e os adversários - bem menos expressivos. O estádio José Mammound Abbas - uma homenagem ao ex-presidente que o construiu - continuava cheio em quase todas as partidas. Da torcida organizada *Pantera Cor de Raça* aos senhores com seus radinhos à pilha - sintonizados na transmissão ao vivo das rádios locais. Do massagista - que até hoje mora dentro do estádio - às sempre lotadas e inseguras arquibancadas metálicas.

A história do Democrata, no entanto, nunca foi abordada em sua completude. Em 2010, Tim Filho escreveu a primeira obra sobre o passado do time, onde se ateu aos seus primórdios, na década de 30, e à sua "era de ouro", nos anos 90. Era a primeira compilação detalhada destes períodos. Houve, ainda, jornais comemorativos e grandes reportagens sem aprofundamento ou, ainda, permeadas por informações incorretas.

À exceção das pontuações acima, como descreverei nos capítulos a seguir, a documentação oficial do E.C. Democrata é escassa. O arquivo do clube, os cartórios da

cidade, a Liga de Futebol Amador de Valadares e, finalmente, a Federação Mineira de Futebol, são fontes de registros imprecisos - ou sequer os têm.

No entanto, a imprensa local preenche parcialmente esta lacuna. Diante da inexistência de documentos que atestem títulos amadores ou até mesmo as primeiras campanhas do time no Campeonato Mineiro, os jornais - destaco aqui o veículo impresso *Diário do Rio Doce* - são as principais fontes de informação acerca do Democrata. A cobertura factual deste passado mais ou menos longínquo, quando agrupada em arquivos, contribui de maneira significativa para a reconstrução detalhada de seus desdobramentos históricos.

Aliado a isso, ressalto ainda a memória coletiva - abordada em mais detalhes no capítulo 2 deste memorial. Ao longo desses oitenta e um anos, o Democrata foi o depósito dos anseios de muitos homens, seja torcendo, observando ou mantendo o time. Cada um a sua época, eles são responsáveis pelas histórias reverberadas sobre o passado do time.

Diante da gama variada de fontes de informação - oculares e de arquivo - e da ausência de registros ou compilações detalhadas da história do time - o que atribui ineditismo a este trabalho -, concluí que era possível recontar minuciosamente o passado do Democrata. O perfil dos tipos de fontes de informação descritas acima implicava na opção por uma plataforma que os evidenciasse, ou seja, que fosse carregada pelo simbolismo dos relatos ou dos arquivos. A meu ver, a produção audiovisual e, em especial o documentário, cumpriria este papel de uma forma mais eficaz do que a literária, por exemplo. Essa afirmação se sustenta na baixa repercussão do livro de Tim Filho que, apesar de conhecido, foi folheado por poucos torcedores que manteve contato neste período.

Ainda, é preciso ressaltar que, nos últimos anos, o barateamento drástico das ferramentas de produção de vídeo tem estimulando o desenvolvimento mais intenso de produtos audiovisuais nas academias e em produtoras independentes. Personagens, lugares, fatos e histórias curiosas vêm vindo à tona pouco a pouco. Os times de futebol e a paixão de suas torcidas também são objetos lembrados com alguma frequência. Cito como exemplo a série de curtas documentais sobre os clubes do interior do Rio e suas torcidas: *Hei de Torcer*. A produção independente chamou a atenção do canal de TV por assinatura Espn Brasil, que exibiu seis dos dez seus episódios. Além dele, cito também outro graduado pelo curso de Comunicação da UFV, Virgílio Amaral. No início deste ano, ele dirigiu o curta documental sobre um dos maiores rivais do Democrata: o Social de Coronel Fabriciano.

Outra motivação para a realização desse projeto está no público-alvo - valadarenses e torcedores do Democrata. Um clube com poucas conquistas e com o seu auge já há mais de

uma década, tende, ao entrar em declínio, a perder os seus novos torcedores. Além disso, parte da torcida desconhece o passado do clube mais importante da cidade. Apesar de já existirem alguns trabalhos nesse sentido, como o livro de Tim Filho, a plataforma audiovisual, em especial o documentário, é ainda pouco explorada - visto o seu potencial em alcançar uma parcela mais expressiva deste público pouco afeito à literatura. É possível dizer que a atratividade que o produto pode gerar está também atrelada ao distanciamento da linguagem do documentário em relação àquela corriqueiramente utilizada no noticiário esportivo nas últimas décadas, ou seja, carregada de humor, ironia e provocações.

Em síntese, posso dizer que o objetivo principal deste trabalho é abordar a temática futebolística sob a ótica do gênero documentário, distanciando-se da narrativa adotada na imprensa esportiva. Pretendo, assim, demonstrar a relação estreita que esse esporte estabeleceu com a sociedade - em especial os aspectos que aproximam o Esporte Clube Democrata dos moradores de Governador Valadares.

Dito isso, apresento a estrutura das páginas que se seguem. O memorial está estruturado em três capítulos: dois de ordem teórica e um relato técnico da produção.

Tema do primeiro capítulo, a representação do real no cinema proporciona, desde os seus primórdios, acalorados debates. As discussões são delineadas, principalmente, pela caracterização do que é ou não ficção; e procura-se refletir até que ponto o gênero documentário pode ser tomado como a cópia fiel de uma realidade outrora vivenciada.

No segundo capítulo, discorre-se sobre a relação de dependência entre a produção documental e a memória coletiva - baseada, principalmente, na história oral. Esta talvez seja a principal ilustração das diversas nuances que um relato pode ganhar diante de depoimentos de envolvidos ou observadores, distanciando-se ou não do fato "real".

Já o terceiro capítulo descreve minuciosamente todo o processo de elaboração do documentário que acompanha este Trabalho de Conclusão de Curso. Desde as pesquisas iniciais, passando pela captação das imagens de entrevistas e do material de arquivo e, finalmente, culminando no processo de seleção, montagem e finalização do vídeo. Além disso, estão discriminados o tempo de trabalho em cada função, os gastos e o material utilizado nesta produção audiovisual.

## **CAPÍTULO 1: O GÊNERO DOCUMENTÁRIO E A REPRESENTAÇÃO DO REAL**

Ao longo da leitura do referencial bibliográfico deste Trabalho de Conclusão de Curso, identifiquei um ponto em comum nestas obras: há enorme dificuldade em definir o que seria o gênero documentário. Na verdade, este entrave surge ao se tentar traçar comparativos com outros gêneros cinematográficos e jornalísticos. Quais seriam as suas especificidades? Representação do real, diversidade de fontes e documentos de arquivo? O que estes autores argumentam é que os aspectos intrínsecos ao documentário não são exclusivos e, portanto, insuficientes para caracterizá-lo e defini-lo a partir de tal.

A fim de refletir sobre estes questionamentos, voltemos aos primórdios do cinema, ainda no fim do século XIX. As primeiras exposições cinematográficas contavam com películas

que, de alguma forma, representavam o real sem o tratamento e direcionamento comuns do processo de montagem que se estabeleceu anos mais tarde. Eram trechos de ações cotidianas, como a movimentação em estações de trem ou no percurso de cavalos e suas carrocerias.

Contudo, passada a sensação de novidade, os espectadores ansiavam por estruturas mais complexas e por uma produção de significado mais elaborada. Em *Documentário: penso que estamos em apuros*, Brian Winston disserta sobre essa pressão do público e os desdobramentos da evolução do cinema.

O cinema começou com material documental, mas as audiências rapidamente se aborreceram com bebês a comerem o pequeno almoço, comboios a chegarem a estações e trabalhadores a saírem das fábricas. As audiências dos anos 1890 exigiam do novo medium aquilo que esperavam dos antigos media – histórias, narrativas com princípios, meios, climaxes, desenlaces e fins. E o filme de ficção iria responder a esse desejo antigo. Apenas quando Flaherty começou a estruturar o seu material da realidade de modo a, também, satisfazer essas necessidades, puderam Grierson e outros detectar uma nova forma e chamá-la 'documentário'. (WINSTON, 2011, p. 41)

Por ora, não irei me ater ao surgimento do cinema de ficção. Este gênero será abordado um pouco mais à frente. O interessante na citação de Brian Winston é o jogo de influências entre os gêneros cinematográficos em seus primórdios. Este cenário, hoje bem descrito, não era tão claro a luz dos desdobramentos daquele período. Havia, para eles, uma linha intransponível entre a representação do real e do ficcional.

Ainda nos anos vinte do século passado, Robert Flaherty e Dziga Vertov delineavam novos contornos e nuances à produção documental. Era a primeira vez que a estrutura desse tipo de peça audiovisual se aproximava daquilo que conhecemos hoje. Dava-se ao relato - observado por alguém em algum momento - a estrutura fílmica que já vinha sendo experimentada pela ficção. "Aqui, passamos das descrições simples (ou fantasiosas) de um material natural, para arranjos, rearranjos e formas criativas desse material." (GRIERSON, 2011, p.7).

Mas Nichols (2001) e Penafria (2011) alertam para a forma ainda primária com que os pioneiros do cinema documental caracterizavam esse gênero que, aos poucos, desenvolviam. Flaherty e Vertov não atribuíram às suas primeiras experimentações o nome documentário. Tampouco pensavam a representação do real no cinema da mesma forma. Com o surgimento de novas produções, este gênero começa a se firmar e a incorporar características que aos poucos traçariam o seu formato.

Em *Teoria realista e documentário*, Manuela Penafria disserta sobre esta constante mutação no conceito do gênero documentário.

Documentário é uma designação que se aplica a diferentes filmes, a diferentes formas de representação da realidade. Por isso, em cada época, quando se fala em documentário, estará na mente de cada autor um determinado tipo de filme, uma determinada forma dominante de representação da realidade. É isso que verificamos nas observações feitas por Bazin e Kracauer. Cada um destes autores formula a sua posição a partir dos filmes que conhecia e que eram designados por documentário. E, para ambos, o epíteto de cinema realista é aplicado a filmes de ficção que se dirigem ao espectador á partir de características documentais, ora preservando a percepção dos acontecimentos/ações, no caso de Bazin, ora apresentando temáticas do quotidiano, no caso de Kracauer. (PENAFRIA, 2011. p. 355)

Ao relatar essa alteração na concepção do gênero documentário, Penafria suscita uma das principais discussões das obras e autores consultados para este trabalho. Afinal, o que diferencia o documentário da ficção? Para Bill Nichols (2001, p.26), "todo filme é um documentário. Mesmo a mais extravagante das ficções evidencia a cultura que a produziu e reproduz a aparência das pessoas que fazem parte dela".

Ao ampliar o cenário de análise, Bill Nichols desmistifica a descrição do documentário como um gênero estritamente ligado à realidade e a ficção, por sua vez, distante deste mundo real. As duas máximas devem ser contestadas. Nos filmes de ficção científica, por exemplo, apesar do seu distanciamento de nossas atividades cotidianas, há a alusão a um imaginário popular ou a uma forma de interpretar o "mundo" em certa época. Já na produção documental, deve-se ressaltar o protagonismo da visão de mundo do documentarista em relação ao objeto descrito, o que o caracteriza como uma representação do real e não a sua fiel reprodução, além do uso recorrente de recursos ficcionais.

Ainda segundo Nichols (2001) seriam, então, dois os tipos de filmes: o documentário de satisfação de desejos, ou seja, o filme de ficção, e o documentário de representação social, descrito por ele no trecho abaixo:

Os documentários de representação social são os que normalmente chamamos de não ficção. Esses filmes representam de forma tangível aspectos de um mundo que já ocupamos e compartilhamos. Tornam visível e audível, de maneira distinta, a matéria que é feita a realidade social, de acordo com a seleção e a organização realizada pelo cineasta." (NICHOLS, 2001. p. 26)

O autor aborda, na citação acima, a relação estreita entre o mundo apresentado no cinema documental e o cotidiano da sociedade. Talvez aqui resida a explicação para o fato de assumirmos o documentário como real e a ficção como não realidade. A alusão ao que nos é palpável sem a - desconsiderada - atuação dos seus atores nos causa este efeito.

Há ainda outros paralelos a serem traçados entre a ficção e o documentário. Cristina Teixeira Vieira de Melo, ao discorrer sobre essa linha tênue, nos dá mais elementos que aproximam os dois gêneros. Para ela, "a inserção de imagens reais em filmes não é condição única para assegurar o status de documentário a uma produção. A recíproca também é verdadeira: a utilização de recursos próprios da ficção não invalida o caráter documental de um filme." (MELO, 2002, p. 26).

A autora também se atém às peculiaridades da produção de cada gênero que, em sua própria natureza e essência, distanciam-se um do outro.

Uma diferença marcante entre o documentário e o cinema de ficção é aquele não poder ser escrito ou planejado de modo equivalente a este último; o percurso para a produção do documentário supõe uma liberdade que dificilmente se encontra em qualquer outro gênero. Um documentário é construído ao longo do processo de sua produção. Mesmo existindo um roteiro, o formato final somente se define com as filmagens, a edição e a montagem. (MELO, 2002. p. 26)

Aqui há mais um exemplo daquilo que os autores utilizados como referência para este TCC defendem. O resultado do documentário depende diretamente da sua execução, diferentemente da ficção, que é concebida integralmente muito antes de ser gravada ou montada. Como Cristina Melo ressalta, o documentarista não se abstém de um argumento ou roteiro prévio, porém, apesar de interferir, não determina a atuação de seus atores.

Na verdade, o documentarista cria um argumento diante do seu recorte temporal/temático e seleciona atores que possam reafirmá-lo ou contrapô-lo sem que se distancie do seu objetivo. Com isso, ele busca interferir no conteúdo das falas de seus entrevistados ao optar por determinados questionamentos e tons de abordagem - interferindo na elucidação de suas lembranças. Surge aqui mais um exemplo da problemática entre o real e sua representação. Desta vez, distante da contraposição à ficção, os argumentos que vem dos referenciais bibliográficos tem o objetivo de ampliar a gama de elementos que retiram do documentário a figura de um representante da realidade exata.

A procura pela espontaneidade nos depoimentos é uma marca registrada dos documentaristas, aperfeiçoada através de estratégias elaboradas ao longo de décadas. Mas é

indiscutível a interferência do contexto de uma entrevista no conteúdo das falas dos personagens. Penafria (2011) relembra que não há a atuação de atores profissionais e os entrevistados, portanto, não "alteram completamente o seu comportamento". Há que se relevar ainda o ego e as vaidades do entrevistado diante das opiniões que ele irá emitir ao longo da conversa, além da abordagem das perguntas, da presença da câmera, entre outros.

Essa influência direta no real retratado é perceptível em diversos momentos da elaboração de um documentário, como relata Brian Winston:

Dada a necessidade de ter que decidir sobre a presença de uma câmara, as negociações que têm que ser feitas com aqueles que vão ser filmados, o efeito da presença da câmara, a decisão de quando filmar ou de quando não o fazer, como iluminar, que objectiva usar, onde se posicionar e onde colocar os microfones. Pode-se legitimamente começar a questionar o que é que é 'real' no 'material real' de Rotha. E depois, o trabalho crucial de moldar o filme numa forma culturalmente satisfatória – a necessidade de ignorar a sequência de rushes, de intercalar cenas, de construir clímaxes, de remover ou adicionar som, de adicionar comentários, música e títulos – levantam novas dúvidas acerca de quanto 'real' pode ainda existir quando o processo de 'dramatização' estiver concluído. (WINSTON, 2011. p. 41)

Diante das opiniões e exemplos apresentados por estes autores, creio que não seja possível se referir a uma reconstrução do real como característica intrínseca e, conseqüentemente, um delimitador entre os gêneros de ficção e não ficção. A essência do documentário reside na dramatização do material real. *Em Documentário recente brasileiro e a política das imagens*, Cezar Migliorim corrobora essa afirmação ao dizer que "estava claro que o documentário se distanciava de uma cientificidade e de uma possibilidade de pura objetividade em relação aos seus objetos." E ainda completa: "Estava claro que os realizadores se faziam presentes (...) ao forjarem montagens de imagens com encadeamentos que passavam pelos desejos, histórias e contextos do filme e do realizador". (MIGLIORIM, 2010. p. 21)

Com o desenvolvimento do cinema documental e, conseqüentemente, dos seus estudos, tais impressões abordadas neste TCC se projetam como base de discussões bem mais avançadas. A ficção e a não ficção são gêneros que podem caminhar juntos - e invariavelmente o fazem. Mas essa evolução também se dá individualmente e os documentários alcançaram uma linguagem própria, apesar da diversidade das suas formas de manifestação.

Em *Introdução ao documentário*, Bill Nichols (2001) argumenta que o filme documentário, apesar de uma linguagem comum, apresenta variações estruturais que vem se firmando com o tempo. O que ele tenta, ao longo de algumas páginas, é identificar e caracterizar quais seriam estas nuances que a produção documental alcançou. Para isso, ele elenca seis subgêneros: poético, expositivo, participativo, observativo, reflexivo e performático. Porém, ao fazê-lo, Nichols não pretende afirmar que estas divisões são fixas ou que não há diálogo entre elas. Há, no entanto, a necessidade de abordar a abrangência difusa que as formas de representação do real alcançaram.

Tomando como base a divisão de Nichols, apontamos a predominância do subgênero expositivo no trabalho que integra este Trabalho de Conclusão de curso. O autor o descreve assim em sua obra:

Esse modo [expositivo] agrupa fragmentos do mundo histórico numa estrutura mais retórica ou argumentativa do que estética ou poética. O modo expositivo dirige-se ao espectador diretamente com legendas ou vozes que propõem uma perspectiva, expõem um argumento ou recontam a história. (NICHOLS, 2001, p. 142)

Ancorado na lógica informativa transmitida verbalmente, este subgênero, ainda segundo Nichols (2001), coloca a imagem em segundo plano. As fotografias utilizadas vem, geralmente, para enfatizar e ilustrar o argumento da narrativa. A fala, por sua vez, cria e incita interpretações e significações às imagens, assumindo uma posição superior em relação à imagem.

Diante da escassez de documentação e da ampla dependência da memória coletiva - assuntos do próximo capítulo - o produto deste TCC procurou se apropriar dessa sistematização teórica para sanar estas limitações. Os relatos a respeito daquele clube do interior, que um dia almejou ser maior, advém do imaginário popular que, por vezes, pode ser confirmado por manchetes impressas ou matérias televisivas. Mas esta não é uma ordem. Diante disso, é possível afirmar que o argumento deste documentário se faz presente na fala, e a contraposição em relação ao arquivo histórico - relativizando-o em certos momentos - reafirmam esta proposta.

## **CAPÍTULO 2: MEMÓRIA E HISTÓRIA ORAL**

"O filme-testemunho e documentário tornou-se um instrumento poderoso para os rearranjos sucessivos da memória coletiva" (POLLAK, 1989, p. 11). Assim como Michael Pollak em *Memória, esquecimento e silêncio*, afirmo que o documentário em muito se beneficia das recordações e lembranças de um grupo, vividas em determinado contexto. Estes rearranjos, de acordo com Montenegro (2004) e Pollak (1989), servem para dar voz às minorias ou àqueles sem importância política ou social justificável para historiadores. É aqui onde se ouve o outro lado das guerras, dos conflitos democráticos e, por que não, dos desdobramentos históricos do Esporte Clube Democrata.

Maurice Halbwachs, citado por Silva (2009), baseia seus estudos na concepção da memória - individual, histórica, coletiva e etc. Segundo ele, não há no cérebro humano uma memória individual, pois, por mais que tais situações tenham sido vividas na intimidade, a sua interpretação se dá dentro do contexto social e cultural da coletividade. Isso, de acordo com Halbwachs, influencia diretamente na forma como observamos o mundo e lidamos com os fatos e nossas recordações.

Ao analisar a teoria de Maurice Halbwachs, Claudinei Fernandes Paulino da Silva faz uso de uma citação do teórico supracitado para definir o conceito de memória coletiva:

Memória coletiva é o processo social de reconstrução do passado vivido e experimentado por um determinado grupo, comunidade ou sociedade. Este passado vivido é distinto da história, a qual se refere mais a fatos e eventos registrados, como dados e feitos, independentemente destes terem sido sentidos e experimentados por alguém. (HALBWACHS *apud* SILVA, 2009, p. 4)

Outro autor a dialogar com Maurice Halbwachs é Michael Pollak. Ele afirma que a consulta ou a resistemização de eventos passados, presentes apenas no imaginário popular, são "tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades de tamanhos diferentes." (POLLAK, 1989, p. 9).

A memória coletiva seria uma das responsáveis, então, pela "(...) perenidade do tecido social e das estruturas institucionais de uma sociedade" (POLLAK, 1989, p. 11). Creio, também que, estas mesmas lembranças populares, ao passo que reforçam estruturas vigentes, ainda são responsáveis pela resignificação da compreensão de sociedade. Essa seria uma forma banal de ilustrar como a voz dada às minorias pode apresentar uma história distinta daquela presente em registros e documentos.

É preciso ressaltar que não há aqui uma oposição ou uma negação aos registros escritos ou qualquer outro tipo de documentação. Pretendo, contudo, ao elucidar tais teorias, trazer à tona as limitações de uma memória histórica - baseada em fontes restritas - em relação à diversidade de vozes da memória coletiva.

Para a execução deste Trabalho de Conclusão de Curso, a memória histórica, oficial, certamente não seria suficiente para remontar, com riqueza de detalhes e diversidade de pontos de vista, o passado do Democrata de Governador Valadares. Afirmando isso não apenas pela escassez de sua documentação histórica, mas também pela ampliação e pluralização das poucas vozes que outrora foram as únicas fontes de informação acerca do time.

Quando não documentada por fonte única, a história do E.C.D., por vezes, nem registrada era. Tim Filho, em *Democrata: a Pantera Cor-de-Raça*, ilustra esta remota documentação histórica ao remeter ao passado longínquo do clube.

Estamos em 1920. Quem registra esta história é o escritor José Raymundo Fonseca, testemunha ocular do nascimento do futebol na Figueira. Ele contou

grande parte da nossa história no livro *Figueira do Rio Doce - Ibituruna*, lançado em 1985. (...) foi um dos poucos ou o único a registrar as origens do futebol na Figueira. (FILHO, 2010, p. 27)

Não foi o único, mas como relata o jornalista e historiador do Esporte Clube Democrata, Tim Filho, foi um dos poucos a descrever a prática futebolística em Figueira do Rio Doce no início do século. A Estrada de Ferro Vitória a Minas, o desmatamento, os pastos e os Krenak - grupo de botocudos, moradores da região, quase extintos já nos anos 30 - tomaram as páginas da bibliografia documental dos primórdios daquela que daria origem à cidade de Governador Valadares.

A historiadora Ruth Soares em *Memórias de uma cidade*, mesmo que numa curta passagem, não deixa de relatar o clima futebolístico no vilarejo de Figueira do Rio Doce, ainda distrito da cidade de Peçanha. Ela cita a acidez do embate entre as duas principais equipes locais: Flamengo e Ibituruna. “Era aí que nós figueirenses brigávamos de verdade. Saía pescoção, palavrão, tiro, e não sei quanta coisa mais. Era uma beleza! A torcida vibrava” (SOARES, 1983, p. 143).

No arquivo do Esporte Clube Democrata também não é diferente. Há apenas alguns fragmentos da história do time em fotos pelas paredes e pastas, documentos de campeonatos passados em arquivos soltos e troféus das principais competições que disputou. Já as emissoras de rádio e TV, assim como os jornais impressos, se dedicam a cobertura factual e, vez ou outra, abrem espaço para reportagens especiais e compilações históricas de maior abrangência. Porém, o acesso a este material é dificultado pela desorganização e, até mesmo, pela ausência do arquivo de conteúdo em alguns desses veículos.

Em 2010, as origens do E.C.D se tornariam o objeto de uma pesquisa mais profunda. Entre situações inéditas e algumas correções históricas, o jornalista Tim Filho deu até um "novo início" para o time em seu livro. Sempre, ao se referir à fundação do clube, jornalistas, historiadores e veículos de comunicação apontavam o Flamengo Foot-ball Clube da Figueira do Rio Doce como o precursor do Democrata. Porém, Tim apontou um intervalo histórico antes desconsiderado. "(...) foi aí que o Flamengo Foot-ball Clube se desmembrou e deu origem a um novo clube, o Ibituruna Foot-ball Clube" (FILHO, 2010. p.50). O Ibituruna perdurou por pouco tempo e, após um vexame em campo, o time desintegrou-se e a parte mais substancial dos jogadores deu os primeiros passos para a criação do Sport Club Democrata - que ainda teve o Flamengo como principal rival por alguns anos.

Ao indicar tais fatos, pretendo esclarecer que informações como esta apresentada por Tim Filho não existiriam sem a memória coletiva. Não há em cartórios, museus ou qualquer outro arquivo da cidade um registro ou uma "certidão de nascimento" do time. A pesquisa feita por Tim Filho, assim como a realizada neste TCC, só foi possível diante das histórias reverberadas em diversos depoimentos.

Júlia Silveira Matos e Adriana Kivanski de Senna em *História oral como fonte: problemas e métodos* apresentam a principal via de consulta às memórias dessas coletividades.

Uma possibilidade de sistematização das lembranças, como indicadores e referenciais para múltiplos estudos, são os registros da oralidade. O que conhecemos como história oral é uma prática muito antiga, intimamente ligada aos contos populares, ao universo da comunicação humana. A História surgiu contada, até constituir-se na escrita do depoimento realizado, das impressões registradas, da legislação disciplinada em sólidas escritas que a legitimam. Tudo isso numa nítida vontade de perpetuar, de maneira mais segura e perene, nosso passado. (MATOS e SENNA, 2011, p. 97)

Apesar de a história oral preceder os registros escritos, no meio acadêmico, ela é vista com restrições por alguns historiadores. Para estes, "além da palavra escrita, nada havia de confiável ou de certa validade. A evidência oral era abertamente rejeitada." (AMADO e FERREIRA, 1996, p. 19). As principais críticas remetem à confiabilidade e à concretude histórica de uma fonte considerada demasiada subjetiva. Porém, "Paul Thompson argumenta que nenhuma fonte está livre da subjetividade, seja ela escrita, oral ou visual. Todas podem ser insuficientes, ambíguas ou até mesmo passíveis de manipulação." (MATOS e SENNA, 2011, p.102)

Por exemplo, ao redigir um documento, pode-se atenuar, omitir ou, até mesmo, dar um contorno inverossímil para algum desdobramento. Refiro-me não só a jornais, mas também a documentos legais, jurídicos e governamentais que podem trazer em suas linhas nuances distintas das originárias. Foi o caso, por exemplo, do governo militar brasileiro que omitiu diversos atos autoritários de seus relatos oficiais.

Não é intenção deste trabalho atribuir um status de credibilidade superior à história oral. Ao elucidar estes exemplos pretendo relativizar o valor histórico de diferentes fontes de informação. Tanto a memória coletiva quanto a histórica podem contribuir para a ampliação da abrangência de uma pesquisa. Contudo, o relato oral, assim como os outros tipos de documentação, também dispõe de falhas e brechas.

Ao acessar nossas memórias, não estamos livres de interferências intrínsecas às nossas recordações. Lanço mão aqui da reflexão de Jacques Le Goff sobre essa relação do presente - onde se faz esta consulta - com o passado - recorte temporal ao qual requeremos.

Tal como as relações entre memória e história, também as relações entre passado e presente não devem levar à confusão e ao ceticismo. Sabemos agora que o passado depende parcialmente do presente. Toda a história é bem contemporânea, na medida em que o passado é apreendido no presente e responde, portanto, aos seus interesses, o que não é só inevitável, como legítimo. (LE GOFF, 1990, p. 51)

Diante desta citação, podemos trazer à tona algumas implicações comuns às nossas lembranças. Em primeiro lugar, pode-se ressaltar que as memórias são seletivas e entoam apenas aquilo que nos é significativo - suprimindo experiências consideradas descartáveis pelo nosso cérebro. Por outro lado, o acesso à memória não é ingênuo, pois ocultamos e afloramos fatos intencionalmente - ou seja, nosso "modo de ver" determinadas situações implica na exacerbação ou omissão de alguns fatos.

Segundo Éclea Bosi, em *Memória e sociedade: lembranças de velhos*, o distanciamento do ocorrido também implica na relativização do conteúdo da memória.

Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas ideias, nossos juízos de realidade e de valor. O simples fato de lembrar o passado, no presente, exclui a identidade entre as imagens de: um e de outro, e propõe a sua diferença em termos de ponto de vista. (BOSI, 1973, p. 17)

A consulta à memória, porém, também pode ter reflexos positivos. Experiências mal compreendidas ou fatos ainda indigestos podem ser reinterpretados e "solucionados" diante de novas rememorações. "Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado." (BOSI, 1973, p. 17)

Ao longo do processo de produção deste TCC, era perceptível os rearranjos e modificações nas análises dos entrevistados quanto aos desdobramentos históricos do clube. Durante o período de pré-entrevistas, deparei-me com algumas informações que não foram confirmadas no dia da entrevista. Isso ocorre, pois ao incitar o personagem a recordar o passado direcionado por determinados questionamentos, novas interpretações podem ter surgido, enquanto algumas outras possivelmente tenham sido suprimidas intencionalmente.

Como exemplo, cito o contato com o ex-presidente do Democrata, Langlebert Drumond. Num primeiro momento, ele disse não ter nenhuma afetividade pelo clube e que suas lembranças seriam, em suma, negativas. Contudo, o que se observa ao longo do seu depoimento é um certo saudosismo e a exaltação da sua relação com o E.C.D., mesmo que diante de algumas decepções.

Como discutido no primeiro capítulo, a representação fiel do real não é condição única, a subjetividade é bem-vinda e até mesmo necessária em produções documentais. Por isso, a opção recorrente desse gênero pelas lembranças coletivas, mesmo diante das suas lacunas. Lacunas estas que, creio eu, são parcialmente preenchidas devido à diversidade de fontes, principalmente quando há contrapontos entre os personagens. Além disso, a seletividade da memória não atinge a todos da mesma forma, ao passo que desdobramentos históricos ganham um significado diferente na lembrança de cada entrevistado. O processo de montagem seria, então, responsável por relacionar as falas de diferentes personagens a fim de que elas se completassem - mesmo ao se contrapor.

Diante desta reflexão, creio que a complementaridade entre a memória coletiva e os documentos históricos deve, sim, ser explorada. Numa produção audiovisual não há que se optar por uma em detrimento da outra, assim como a historiografia clássica o faz.

## **CAPÍTULO 3: RELATÓRIO TÉCNICO**

### **3.1. Pré -produção**

Vivi por dezoito anos na cidade de Governador Valadares e são poucos os jogos do Democrata, no Estádio José Mammoud Abbas, que não assisti de suas arquibancadas. Observei à distância, assim como grande parte da torcida, algumas das polêmicas dos anos 90 e 2000 abordadas no filme. Apesar da recorrência destas pautas em telejornais, impressos e programas radiofônicos, poucas vezes busquei por fontes de informação da história do time. A não ser aqueles títulos e decepções mais recorrentes nas lembranças da torcida valadarense e da imprensa diária.

A minha inserção no passado mais ou menos longínquo do Democrata acontece somente em novembro de 2012, quando dei início à produção do documentário que integra este Trabalho de Conclusão de Curso. Devido a esse "distanciamento", optei por começar a pesquisa através de conversas e algumas pré-entrevistas com pessoas ligadas de alguma forma ao Democrata e não por meio de consulta aos documentos históricos. Era uma tentativa de compreender e identificar os fatos da história do time que haviam marcado o imaginário da cidade, independente da sua abordagem na imprensa ou da sua relevância num contexto estadual ou nacional, por exemplo.

Outra opção que fiz foi por começar pelo "lado de fora" do Democrata, ao conversar com três jornalistas que observaram e analisaram o time, a diretoria e a torcida de perto. Foram eles: Henrique Terra, repórter de campo das partidas e responsável pelas informações dos treinos diários do time entre 2006 e 2012; Tim Filho, torcedor que acompanha o E.C.D. desde os anos 80, além de ter escrito o único livro sobre os primórdios da Pantera; e Carlos Albuquerque, radialista e jornalista que esteve presente em quase todos os jogos desde 1988.

A partir dessas conversas obtive não só o traçado para a minha pesquisa que se iniciava, mas também algumas indicações de contatos, formas de acesso aos entrevistados e, principalmente, aos materiais de arquivo do time. Após este primeiro momento, comecei a consulta ao material bibliográfico disponível no Museu de Governador Valadares. Lá, tive acesso ao livro *Democrata: A pantera Cor-de-Raça*, escrito em 2010, pelo jornalista Tim Filho. As suas 160 páginas trazem uma das principais compilações de dados e informações que sustentaram a pesquisa para esta peça audiovisual. São relatos que contextualizam o surgimento do Democrata em 1932 e seus primeiros anos no futebol amador. A segunda parte do livro dedica-se a contar os primórdios da torcida organizada Pantera Cor-de-Raça, no fim dos anos 80, e sua atuação ao longo da década de 90. O autor relembra ainda outros períodos relevantes da história, mas apenas de forma breve.

Também no museu da cidade, tive acesso a alguns livros e trabalhos acadêmicos norteados pela história de Figueira do Rio Doce e dos primeiros passos da recentemente emancipada, Governador Valadares. Nas prateleiras havia ainda obras ambientadas em décadas pouco abordadas no livro de Tim Filho, como as de 50, 60 e 70. Nelas, a temática principal não era o Democrata ou o seu antecessor, o Ibituruna, mas invariavelmente descreviam-se fatos que aproximavam o clube da cidade. Foi diante de tais informações que me atentei para esta relação, um pouco além do futebol e da torcida. Eram relatos sobre suas polêmicas e discussões internas, além de simples descrições, como um dia de domingo no campo. Havia também algumas fotos e jornais antigos de curta periodicidade que contribuíram com ainda mais informações.

Encontrei nos arquivos do clube, além de troféus, alguns álbuns de fotografias e recortes de matérias. Dona Filhinha, torcedora do time, e os jornalistas Beto Texeira e Tim Filho, também dispunham de uma compilação de imagens e jornais. Já no impresso da cidade, o *Diário do Rio Doce (DRD)*, encontrei a maior fonte de informações para esta pesquisa. A pilha de arquivos do diário contava minuciosamente os desdobramentos esportivos e políticos

do clube desde 1958. Consultei dados e pontos de vista sobre polêmicas do passado com uma riqueza de detalhes que dificilmente encontraria em outro lugar.

Pesquisei também os arquivos da TVLeste, TV Rio Doce, Rádio Por um Mundo Melhor e Rádio Globo, de onde retirei narrações, matérias, imagens brutas e depoimentos relativos ao time. Grande parte desse conteúdo ainda estava arquivada em fitas cassete e em videoteipes betacam. Tive acesso ainda ao arquivo do jornalista Paulo de Tarso e do torcedor Hadson Santiago, que gentilmente cederam alguns programas esportivos, jogos, gols e reportagens em VHS.

Paralelo a isso, mantinha conversas com pessoas envolvidas no dia-a-dia do Democrata de hoje ou de tempos passados. Esse contato foi importante para que eu compreendesse a disponibilidade de personagens para integrar o documentário. Á partir deles, encontrei e defini possíveis fontes, desde torcedores e jogadores até dirigentes e historiadores.

Ao longo desse primeiro mês de produção, a pesquisa mostrou, através dos personagens e documentos que foram encontrados, a possibilidade de elaboração de uma peça audiovisual do gênero documentário - idealizado junto à definição do tema. Havia personagens suficientes para remontar diversos períodos da história do time e, principalmente, uma gama diversificada de materiais de arquivo. O pré-roteiro, a sinopse e o argumento começavam a ser elaborados, ao passo que os possíveis entrevistados iam sendo contactados pela primeira vez.

Á partir do pré-roteiro, tracei uma linha do tempo que descrevesse os principais momentos do time. Não todos, claro, como já havia citado acima. Procurei elencar os destaques de períodos do clube. Eram gestões de presidentes, anos na primeira ou na segunda divisão, décadas marcantes e etc. E assim defini a estrutura do filme em três blocos.

O primeiro bloco pincelaria assuntos das seis primeiras décadas do clube, desde a sua fundação, em 1932, até o conflito com a Federação Mineira de Futebol (FMF), em 1989, que o afastou das competições oficiais no estado. O desenrolar das questões judiciais que envolveram o Democrata no fim da década de 80, além do contexto do seu surgimento, estariam acompanhados de algumas outras histórias. Os anos no amadorismo, a construção do estádio, o início no profissionalismo com o primeiro Campeonato Mineiro e a polêmica entre os próprios dirigentes do clube na Taça Minas Gerais de 1975, onde dirigentes inscreveram jogadores irregularmente, conduzem o início desse trecho. Na sequência, os anos 80 são o destaque. Logo no início da década, Almir Vargas assume a presidência do time, dá a primeira Taça MG ao E.C.D., constrói e inaugura as arquibancadas metálicas - que se tornariam

símbolo da torcida - e volta à 1ª divisão do Mineiro, onde permanece até a queda em 1987. No ano seguinte, o Democrata conquista em campo o retorno, mas é envolvido numa polêmica criada pelo América-MG e pela FMF. Em 89, o time é retirado no meio da disputa da série A, além de ser aliado de qualquer competição oficial promovida pela Federação.

Já o segundo bloco tem início na conciliação com a Federação Mineira que culminou no retorno do Democrata ao Campeonato Mineiro, no qual alcançou o título inédito de campeão do interior. Esta parte perpassará os anos 90, a "época de ouro do clube", com a gestão de Langlebert Drumond a partir de 92. Bem classificado em 91, o time conseguiu uma vaga na Copa do Brasil, a qual também disputou em 95 - ambas com desclassificações nas fases iniciais. Chegou até mesmo a disputar o Campeonato Brasileiro da Série B em 94 e 95 e só ficou de fora em 96, pois não conseguiu apoio financeiro. Entre 91 e 94 ficou atrás apenas dos grandes times da capital mineira, cravando assim o título de tetracampeão do interior. Na segunda metade da década, o clube revelou alguns craques, como os atacantes Fábio Jr e Tico Mineiro. Teve ainda uma relação conturbada e polêmica com um grande patrocinador em 98, seguida da derrocada financeira que o levou à queda para a segunda divisão em 2001.

O terceiro e último bloco perpassa a última década do clube. Logo após o retorno à segunda divisão, Langlebert Drumond abandona o Democrata e, pouco tempo depois, assume o atual presidente, Edvaldo Soares. Ele então aposta nas categorias de base que logo em 2003 vence o Campeonato Mineiro de Juniores. Em 2005, consegue levar o time novamente à 1ª divisão do Campeonato Mineiro. Entre 2006 e 2010 monta bons times e se mantém entre os primeiros de Minas Gerais chegando a conquistar o pentacampeonato do interior mineiro em 2007. Mas em 2011, ao fazer uma parceria com o Botafogo e, no ano seguinte com o Vasco, o Democrata faz péssimas campanhas, que culminaram com o seu rebaixamento em 2012. Este bloco ainda trata da preparação do time para o Campeonato de 2013, além da discussão sobre a atuação do presidente e os rumos que o E.C.D. tomou e ainda irá tomar.

Todos os blocos foram entrelaçados por trechos do jogo entre Democrata e Social, pela segunda rodada do Campeonato Mineiro de 2013. Ao todo, seis momentos do documentário contam com a inserção de imagens da partida. A utilização dessas peças avulsas tem o objetivo de dar a dinâmica de um dia de futebol em Governador Valadares e no Estádio José Mammoud Abbas. Além disso, há ainda algumas peças distribuídas pelo documentário, como a interpretação do hino pelo seu compositor, Housemberg Pettersen, depoimentos de funcionários, torcedores e personalidades que contam casos avulsos, ou seja, que independem da ordem cronológica da história.

O pré-roteiro foi a base para a construção do roteiro da conversa com cada personagem. Defini aqui cinco perfis de entrevistados: torcedores, dirigentes, jogadores, funcionários/personalidades e jornalistas de várias gerações do clube. Em cada uma das entrevistas, tentei buscar uma especificidade. Por mais que falassem sobre o mesmo período, a carga subjetiva por traz do papel social que cada um exerce no documentário ditaria a dinâmica das minhas perguntas e, conseqüentemente, do seu relato.

Com isso, dei início ao agendamento de entrevistas. Listei cerca de cinquenta nomes, que seriam lapidados até o fim das tentativas de contato. Alguns possíveis entrevistados haviam falecido ou não apresentavam boas condições de saúde mental para uma conversa sobre décadas atrás. Além disso, à medida que ia conhecendo alguns personagens, optei por descartar aqueles que pareceram pouco articulados, quando havia outro que podia cumprir o seu papel. Surgiram também dessas conversas iniciais novas sugestões de assuntos, abordagens e, principalmente, outros nomes que poderiam contribuir para este documentário. Enfim, a lista estava em constante alteração.

Essa segunda etapa da produção, que incluiu o pré-roteiro do filme e o roteiro das entrevistas, bem como seu agendamento, levou cerca de três semanas. O contato foi realizado parte à distância, parte presencialmente, quando viajei a Governador Valadares.

Já na cidade, pude encontrar com todos os possíveis entrevistados e coletar algumas informações para abordar no dia da filmagem. Foi uma espécie de pré-entrevista mais curta - devido à pequena duração desta etapa da produção - e despojada - motivada pela pouca familiaridade dos personagens com câmeras e entrevistas.

Durante a fase de pré-entrevistas, defini cerca de quarenta personagens para compor o filme. Enquanto alguns perpassariam todo o documentário - como o autor Tim Filho e o torcedor Hadson Santiago -, outros teriam uma participação pontual - como os funcionários, o compositor do hino e alguns ex-jogadores.

Ao todo, foram visitadas quatro cidades para gravação dos depoimentos dos personagens. Foram dezoito dias de gravação em Governador Valadares, além de mais uma semana nas cidades de Belo Horizonte, Ipatinga e Teófilo Otoni para mais seis entrevistas.

### **3.2. Produção**

A primeira etapa das gravações foi em Governador Valadares, e nesses dezoito dias, eu tive que desenvolver cinco funções, a saber: entrevistar e captar imagens com trinta e quatro

personagens; gravar a interpretação do hino pelo seu compositor, Housemberg Pettersen; filmar a partida entre Democrata e Social pela segunda rodada do Campeonato Mineiro de 2013; coletar imagens de off em pontos emblemáticos da cidade e também no estádio; e selecionar e digitalizar todo o arquivo citado na pré-produção.

O documentário sobre o Democrata foi idealizado, escrito, produzido, dirigido e editado por mim. Contudo, ao longo da produção, contei com o apoio dos graduandos em jornalismo, Rodrigo Castro e Daniel Fardin, que me auxiliaram na captação de áudio, imagens e também na direção de fotografia.

Nos oito primeiros dias, entrevistei trinta e quatro personagens que residiam na cidade ou que estariam lá no período das gravações, auxiliado apenas por Daniel Fardin. Mesmo encontrando-os para uma pré-entrevista, nem todas as locações de filmagem haviam sido visitadas anteriormente, pois, por vezes, essa conversa acontecia, por exemplo, no estádio do Democrata e a gravação em sua casa.

Antes de descrever as experiências de filmagem irei listar os entrevistados dessa primeira etapa. Os nomes serão apresentados a partir das cinco divisões previstas na pré-produção, acrescida dos técnicos. A ordem dos personagens é a mesma da sua inserção no filme:

**Jornalistas:** Tim Filho, Carlos Albuquerque, Jairo Taborda, Paulo de Tarso, Osmar Xavier, Nicomédes Felício, Diego Dunga e Wendel Camilo\*. **Presidentes:** Luiz Alves, Almir Vargas, Langlebert Drumond e Edvaldo Soares. **Jogadores:** Marcelo Melo, Chico Duro, Ziquita, Darci Meneses, Tico Mineiro, Weldes da Silva, Marinho e Aldacir Alves\*. **Torcedores:** Edmilson Rodrigues, Hadson Santiago, Renan, Dona Filhinha\*, José Teodoro Pires\* e Palmerindo\*. **Funcionários e personalidades:** Ilma da Rocha, Marilda da Rocha, Otávio de Oliveira, Parceirinho, Dona Zilda, Getúlio Anacleto e Housemberg Pettersen. **Técnico:** Marcos Badday. *\*entrevistas descartadas do produto final.*

Á seguir, revelo uma breve apresentação de cada um dos entrevistados a fim de justificar a presença deles nesta obra audiovisual.

Tim Filho é jornalista, torcedor e autor do único livro sobre o E.C.D. Carlos Albuquerque, além de jornalista, também assume o posto de radialista e narrador. Acompanha o Democrata desde 1988, jogo a jogo. Jairo Taborda é um dos radialistas mais antigos deste documentário, pois acompanhava o time já no início da década de oitenta. Osmar Xavier veio um pouco mais tarde, em 1997, mas desde então é um dos poucos a vivenciar o dia-a-dia de treinos, jogos e também dos bastidores do clube. Nicomédes Felício estava sempre junto ao

time, inclusive em suas viagens, desde o início dos anos 90. Mas somente em 2008 assumiu o posto de repórter da Rádio Por Um Melhor, onde notícia o esporte da cidade. Diego Dunga é o atual editor do caderno de esportes do Diário do Rio Doce, posto que ocupa desde 2009.

Luiz Alves foi jogador e dirigente do Democrata no fim dos anos 60 e início dos 70. Almir Vargas assumiu a presidência do clube em 1979, onde permaneceu até o vice-campeonato mineiro de 91. Foi o responsável pela profissionalização efetiva do time. Em seguida veio o polêmico Langlebert Drumond. O presidente ficou por dez anos no comando do clube e não mantém boas relações com sua torcida. Edvaldo Soares assumiu a presidência em 2003, onde está até hoje.

Marcelo Melo é filho do ídolo dos anos 40, Walter Melo, e também atuou nos primeiros passos no profissionalismo do E.C.D. nos anos 60. Chico Duro foi contemporâneo de Marcelo e o destaque do início da década. Já o atacante Ziquita, revelado no Democrata em 75, alçou voos maiores em times de ponta e retornou ao Democrata em 81, onde conquistou a Taça MG. Junto com ele estava Darci Meneses, recém-chegado do Cruzeiro campeão da Libertadores. No ano seguinte largou os gramados e se tornou diretor de futebol, cargo que ocupa até hoje. Tico Mineiro veio uma década mais tarde, em 94, e é uma das principais revelações do time de Valadares. Weldes também foi revelado na base. Campeão do Mineiro de Juniores em 2003, atuou em várias outras temporadas, inclusive nesta de 2013. Outro jogador que disputou este certame foi o atacante Marinho, ídolo que já passou pelo clube em outras oportunidades.

Ao lado de Tim Filho e Nêgo - personagem não entrevistado pela inviabilidade de uma ida até a sua atual residência, em São Paulo -, Renan e Edmilson Rodrigues fundaram a Pantera Cor-de-raça. Já a Dona Filhinha é uma torcedora símbolo do time que ainda nos anos 60 criou a Raça Democratense, a primeira torcida organizada. Hadson Santiago só começa a acompanhar o time anos mais tarde, mas conhece como poucos a história do E.C.D.

Ilma e Marilda da Rocha são sobrinhas de Inhazinha Rocha, uma espécie de cartola do Ibituruna, time que precedeu o Democrata. Ela influenciou diretamente no surgimento da Pantera. Otávio Oliveira é neto do primeiro vice-presidente do E.C.D., Agenor Virgílio de Oliveira. Já o Parceirinho e a Dona Zilda são funcionários do clube há mais de quatro décadas. Getúlio Anacleto veio apenas anos mais tarde, na década de 90, mas diz aos quatro cantos que ama o clube e que não sai de lá por nada. Marcos Badday, técnico que já havia passado pelo time, comandou os quatro primeiros jogos do Campeonato Mineiro de 2013.

Para realizar todas essas entrevistas, utilizei apenas parte dos equipamentos necessários para toda a produção. Uma câmera digital Canon EOS Rebel T3i, três lentes Canon - uma EF 18-55mm f/3.5-5.6 IS II, uma EF 50mm f/1.8 II câmera lens e uma 58mm f/2 -, um gravador digital Tascam DR-40 portátil, um microfone boom Yoga HT-81, um microfone de lapela Yoga Em106, um tripé de filmadora Benro KH-25, um cartão de memória de 32gb e um de 2gb da Kingston, duas baterias Canon Lp-e8, dois tripés de iluminação e dois refletores de luz amarela.

As locações foram o primeiro entrave desta etapa de produção. O Estádio José Mammoud Abbas, por exemplo, sediou nove entrevistas, seja pela curta disponibilidade de tempo dos jogadores e dirigentes do clube, seja pela necessidade deste cenário para compor a fotografia de outros personagens. Alguns dias depois, o estádio também foi cenário da captação de imagens do jogo e da interpretação do hino. Aproveitei ao máximo as arquibancadas, corredores, banco de reservas, sala de troféus e também os arredores do estádio como pano de fundo das imagens que percorrem todo o documentário.

Outro tipo de locação recorrente foram os ambientes internos e externos da residência de alguns entrevistados. Nestes espaços, nos deparamos com dificuldades comuns: insuficiência de luminosidade do ambiente e escassez de elementos que compusessem a fotografia. Quando optávamos por gravar no interior, em suma, tínhamos de recorrer ao acréscimo de luz com um ou dois refletores. Foi o caso da entrevista com o torcedor Renan e com o jornalista Paulo de Tarso, ambos no período da noite. Houve ainda outras entrevistas internas, ao longo do dia, em que o entrave foi a variação da luz, como nas imagens captadas com o torcedor Hadson Santiago e com o jornalista Tim Filho. Nelas, é perceptível a variação da luz em diferentes trechos dos depoimentos.

Enfrentamos problemas semelhantes ao optar pelas áreas externas das residências. A grande disponibilidade de luz ao fim da manhã no pomar da casa do ex-jogador e membro da comissão dos cinco, Luiz Alves Lopes, fez com que tivéssemos de alterar o enquadramento após meia hora de conversa. Essa medida foi necessária, pois o sol já incidia sobre o personagem e também sobre a câmera que fazia a captação. Já com o ex-jogador Ziquita, nos deparamos com o inverso: a escassez de luz do fim da tarde em seu quintal. A entrevista durou cerca de trinta minutos e, a cada dez, era necessário alterar a entrada de luz na objetiva da câmera levando o ISO de 200 para 400 e, posteriormente, para 800.

Mas também encontramos ambientes onde foi possível administrar a luz e a captação do áudio. Foi o caso, principalmente, das rádios Globo e Por Um Mundo Melhor, onde

entrevistei os jornalistas Carlos Albuquerque, Jairo Taborda e Nicomédes Felício - além ainda do radialista Ademir Cunha, entrevistado dias mais tarde na Rádio Itatiaia do Vale do Aço, em Ipatinga. Nestes locais, o isolamento acústico e a ausência de janelas garantiram uma qualidade de áudio e de imagens ao longo de todo o bate-papo.

O áudio do documentário, inteiramente captado á partir do gravador digital Tascam DR-40 portátil, do microfone boom Yoga HT-81 e do microfone de lapela Yoga Em106, também nos rendeu surpresas posteriores, pois a câmera não oferecia uma entrada p2 para acompanharmos o som em tempo real com fones de ouvido. Pecamos pela falta e pelo excesso. Na entrevista com o jogador Marinho, por exemplo, o ganho de áudio da câmera estava configurado para ambientes internos. Como a sua entrevista aconteceu no banco de reservas do estádio, qualquer som produzido nas suas imediações tomava proporções consideráveis no áudio captado - foi o caso do bebedouro em funcionamento a cerca de dez metros de distância. Já com o neto do primeiro vice-presidente, Otávio de Oliveira, o áudio foi captado em apenas um canal - o mesmo ocorreria mais tarde em Belo Horizonte nas entrevistas com os ex-jogadores Fábio Jr., Sílvio Siqueira, Faete e também com o ex-técnico José Maria Pena. A correção deste problema foi feita na finalização do vídeo ao equalizar e mixar o áudio. Porém, sabemos que os resultados alcançados não têm a mesma qualidade da captação feita da forma correta.

As locações externas - ruas e praças - também renderam algumas limitações técnicas de áudio. O microfone de lapela tem por característica a captura ampla do som. Com isso, o trânsito de carros ao fundo poderia interferir determinadamente no resultado ao sobrepor a fala do entrevistado. No entanto, o resultado foi positivo nas duas entrevistas - com o massagista Getúlio Anacleto e com o jornalista Diego Dunga - realizadas em meio à movimentação da cidade.

Ao longo desses oito dias, me deparei com uma diversidade de perfis de entrevistados até então não vivenciada ao longo da graduação em jornalismo. Eram homens e mulheres entre 25 e 90 anos, adaptados ou não ao processo de filmagem, dos mais variados níveis sociais e de escolaridade. Empresários, roupeiros, massagistas, aposentados e desempregados. Essa variedade fez com que eu assumisse técnicas de entrevista que variavam entre os cerca de cinco personagens diários: das mais simples conversas até análises em profundidade.

A identificação dessa variedade foi responsável pela adoção de uma estratégia de abordagem que causasse o menor impacto possível. Logo na chegada ao local, rotineiramente íamos até o entrevistado para uma conversa informal e apenas diante de um aviso prévio

buscávamos o equipamento no carro utilizado nesta produção. Evitei, sempre que possível, o uso de um número grande de equipamentos. Invariavelmente a câmera, o tripé e o microfone de lapela faziam parte da captação. Contudo, os refletores de iluminação, o microfone boom e o gravador de áudio eram requisitados por mim apenas diante de um contexto favorável, ou seja, onde o entrevistado se encontrava a vontade. E foram poucas as oportunidades dentro deste cenário.

Saliento aqui que parte dos trinta e quatro entrevistados desta etapa, em Governador Valadares, são de nomes que surgiram ou foram alterados ao longo da produção. Isso ocorre, pois a gama de informações decorrente das primeiras conversas implicou em diferentes abordagens ou no acréscimo/decrécimo de conteúdo. Enquanto novos personagens se fizeram necessários, outros mostraram-se repetitivos. Além, é claro, das entrevistas improdutivas. E elas ocorrem por motivos como o baixo nível de capacidade analítica e expositiva, a pouca familiaridade com uma produção audiovisual, além de falas e memórias vagas. Mais tarde, na pós-produção, algumas dessas entrevistas seriam descartadas do produto final.

Encerrada a primeira etapa de entrevistas previstas para Governador Valadares, a equipe - até então composta por mim e por Daniel Fardin - passou a contar com o apoio de Rodrigo Castro.

O nono dia de gravações teve o principal desafio técnico desta produção. Gravamos a partida válida pela segunda rodada do Módulo B do Campeonato Mineiro de 2013, entre Democrata/GV e o Social de Coronel Fabriciano. Os embates calorosos entre as duas equipes, ainda nos anos 90, fez surgir uma rivalidade que perdura até os dias de hoje.

A finalidade desta captação era obter imagens que preenchessem a abertura, algumas transições e o encerramento do documentário, de acordo com o pré-roteiro. A chegada ao estádio, a lotação das arquibancadas, os times em campo, os gols e o apito final do jogo dariam a dinâmica de uma partida de futebol ao documentário. Ou seja, o Democrata "estaria em campo", enquanto os personagens de todos os períodos da sua história descreviam o caminho percorrido pelo clube até chegar ali, no jogo daquela noite de segunda-feira.

Ao longo do dia, dividi as funções e elaborei uma lista com funções a serem desempenhadas por cada um dos membros da equipe, em suma, na captação de áudio e imagens. Em contato com a assessoria do E.C.D. e com a Federação Mineira de Futebol, consegui credenciais de imprensa que nos dariam autonomia para frequentar todos os espaços do estádio no dia da partida.

Para esta captação de imagens, utilizamos três câmeras digitais Canon EOS Rebel T3i, cinco lentes Canon - três EF 18-55mm f/3.5-5.6 IS II, uma EF 50mm f/1.8 II câmera lens e uma 58mm f/2 -, um gravador digital Tascam DR-40 portátil, um microfone boom Yoga HT-81, um tripé de filmadora Benro KH-25, um monopé Weifeng WF - WT 1003, três cartões de memória de 32gb e um de 2gb da Kingston, seis baterias Canon Lp-e8, kit shotgun Kinosonic composto por uma vara de boom, um suspensão K1 e um protetor de vento *Priscila*.

Cada um dos membros da equipe tinha um setor de cobertura no estádio. Daniel Fardin foi o responsável pelas imagens na parte externa, ao acompanhar a chegada dos torcedores e a preparação da Pantera Cor-de-Raça. Logo após, ele seguiu para as arquibancadas metálicas, de onde acompanhou a movimentação do jogo e dos democratenses.

O Rodrigo Castro ficou responsável pelos *time-lapses*<sup>1</sup> da movimentação nas proximidades do estádio e da lotação das arquibancadas metálicas. Gravou o foguetório tradicional das entradas do time do Democrata e, logo após, seguiu para as cadeiras cativas, de onde acompanhou todo o jogo. Lá ele registrou alguns lances, imagens da torcida e também o trabalho das equipes de imprensa que transmitiam o jogo ao vivo das cabines de rádio e televisão.

No campo, a minha responsabilidade era acompanhar lances da partida, os bastidores do time - seja no vestiário, banco de reservas ou na beira do gramado - além da ação dos repórteres. Também estava encarregado pela captação de eventuais imagens da torcida e pelo registro da participação de alguns personagens do documentário naquele jogo.

O Social marcou o primeiro gol da partida, ainda na etapa inicial, e o Democrata, já no fim da partida, virou o placar em três minutos e venceu por dois a um. A comoção foi grande no estádio, tanto na torcida, quanto no vestiário. Todos os desdobramentos renderam três horas de imagens captadas por toda a equipe.

No dia seguinte, foi a vez gravar a interpretação do hino do Democrata pelo seu compositor, Housemberg Pettersen, nas cadeiras cativas do Estádio José Mammoud Abbas. A equipe, ainda composta pelos mesmos três membros, utilizou: três câmeras digitais Canon EOS Rebel T3i, cinco lentes Canon - três EF 18-55mm f/3.5-5.6 IS II, uma EF 50mm f/1.8 II câmera lens e uma 58mm f/2 -, um gravador digital Tascam DR-40 portátil, um microfone boom Yoga HT-81, dois tripés de filmadora Benro KH-25, três cartões de memória de 32gb e

---

<sup>1</sup>Fotografia time-lapse é um processo cinematográfico em que a frequência de cada fotograma ou quadro (frame) por segundo de filme é muito menor do que aquela em que o filme será reproduzido. Quando visto a uma velocidade normal, o tempo parece correr mais depressa e assim parece saltar (lapsing). A fotografia time-lapse pode ser considerada a técnica oposta à fotografia de alta-velocidade. (Fonte: wikipédia)

um de 2gb da Kingston, três baterias Canon Lp-e8, kit shotgun Kinosonic composto por uma vara de boom, uma suspensão K1 e um protetor de vento *Priscila*.

Housemberg Pettersen, o Velho Rosa, interpretou o hino por cinco vezes. Em todas essas tomadas utilizamos duas câmeras. Eram planos que variavam do geral até o primeiríssimo. A intenção era explorar a expressividade do compositor, sem deixar de situá-lo no cenário do estádio. Também conversamos sobre a sua relação com o clube e sobre a letra da canção.

Ao fim dos dez primeiros dias de gravação, os outros dois membros da equipe deixaram a cidade de Governador Valadares. A partir de então, o trabalho envolveu a captação de imagens que seriam utilizadas no off de todo o documentário. Nessa fase, utilizei apenas uma câmera digital Canon EOS Rebel T3i, uma lente Canon EF 18-55mm f/3.5-5.6 IS II, um monopé Weifeng WF - WT 1003, um cartão de memória de 32gb e um de 2gb da Kingston, além de uma bateria Canon Lp-e8.

No décimo primeiro dia, percorri os principais pontos da cidade com o objetivo de registrar imagens que pudessem ambientar o clube na cidade de Valadares. Fui também ao estádio, onde fiz imagens dos seus arredores e do seu interior. Algumas horas depois, gravei trechos de um treino tático do Democrata.

No dia seguinte, na redação do Diário do Rio Doce, voltei a ter acesso aos seus arquivos. Dessa vez para fotografar todo o conteúdo selecionado para integrar este documentário. Foram quatro dias de consulta a livros pré-selecionados. Optei por uma técnica de fotografia que me permitiria utilizar as imagens coletadas sem o auxílio de arte na edição final. Por isso, fotografias em desfoque e com ângulos diagonais.

O antepenúltimo dia desta etapa em Governador Valadares foi na TV Leste, que não tem um arquivo sistematizado de suas produções autorais. Há, na verdade, uma pilha de fitas betacam - algumas com descrição do conteúdo, outras não. Com o auxílio do jornalista Carlos Albuquerque, pesquisei cerca de trezentas fitas - poucas eram aquelas que não tinham o Democrata como uma das retrancas. Como o conteúdo antigo da TV estava ainda mais embaralhado e escasso, a maior parte da minha seleção foi de 98 até os dias atuais. Contudo, o conteúdo disponível era rico e e em muito contribuiu para esta produção.

Já no décimo sétimo dia de trabalhos na cidade, fui até às rádios Globo e Por Um Mundo Melhor, onde consegui narrações - entre elas, a do jogo entre Democrata e Social da semana anterior -, programas esportivos e algumas entrevistas marcantes sobre o clube. Na

sequência, visitei a TV Rio Doce e, com o apoio do jornalista Paulo de Tarso, tive acesso aos programas apresentados por ele nesta emissora: Esporte no 7 e Terceiro Tempo.

No último dia de trabalhos em Governador Valadares, tive acesso a diversos acervos pessoais. O mais rico deles era o do radialista Beto Teixeira, falecido há três anos. Seu pai, Francisco Teixeira, guarda até hoje pastas com vários recortes de jornais e fotos do time ao longo de quatro décadas. Além deste, conheci também o acervo dos torcedores Tim Filho, Dona Filhinha e Hadson Santiago, de onde retirei fotografias, filmagens, recortes, camisetas, faixas e etc. sobre o Esporte Clube Democrata.

Uma semana depois, dei prosseguimento à produção com a última etapa da captação de imagens. Era uma viagem de sete dias às cidades de Teófilo Otoni, Ipatinga e Belo Horizonte. Os graduandos em jornalismo Rodrigo Castro e Daniel Fardin voltaram a integrar a equipe.

Para realizar as entrevistas, utilizei os mesmos equipamentos da primeira etapa: uma câmera digital Canon EOS Rebel T3i, três lentes Canon - uma EF 18-55mm f/3.5-5.6 IS II, uma EF 50mm f/1.8 II câmera lens e uma 58mm f/2 -, um gravador digital Tascam DR-40 portátil, um microfone boom Yoga HT-81, um microfone de lapela Yoga Em106, um tripé de filmadora Benro KH-25, um cartão de memória de 32gb e um de 2gb da Kingston, além de duas baterias Canon Lp-e8.

Começamos a viagem por Teófilo Otoni, onde entrevistamos o ex-jogador do E.C.D. e atual técnico do América-TO, Gilmar Estavan. Gilmar, que é o grande ídolo da torcida devido à conquista do vice-campeonato mineiro em 1991, foi coadjuvante no rebaixamento do Democrata em 2012 ao coordenar o time que venceu a equipe de Valadares na última rodada.

No dia seguinte fomos a Ipatinga conversar com Ademir Cunha, um dos poucos radialistas dos anos 70 e 80 ainda vivos ou residindo no estado de Minas Gerais. A expectativa era grande, mas as lembranças de Ademir eram mínimas e incertas. Cogitei, ao sair da Rádio Itatiaia do Vale do Aço, o descarte desse personagem. Mais tarde, ao conferir o material na pós-produção, optei por não utilizá-lo. No terceiro dia, viajamos para Belo Horizonte, onde faríamos uma sequência de quatro dias de filmagem. O primeiro deles foi Sílvio Siqueira, goleiro do Democrata entre 1985 e 1995. Ele enfrentou a grande decepção do fim dos anos 90 e nada pôde fazer ao ver o Democrata ser retirado do Campeonato Mineiro de 89. Ele ainda foi tetracampeão do interior mineiro e disputou duas edições do Campeonato Brasileiro e duas da Copa do Brasil.

O quarto dia de filmagens foi com um ídolo do Democrata na década de 40. Próximo dos noventa anos, o ex-atacante Faete conseguiu explicar poucas memórias dos primórdios do E.C.D. As lembranças eram vagas, mas a sua presença no documentário era imprescindível.

No penúltimo dia conversei com José Maria Pena. O técnico é uma espécie de mito em Valadares. Foi ele quem conquistou o vice-campeonato mineiro de 1991, o vice da Taça MG em 1999, o retorno à primeira divisão mineira em 2005, o pentacampeonato do interior mineiro em 2007, além de salvar o time do rebaixamento em 2011. Mas em 2012, após ser chamado às pressas, não conseguiu reverter a situação e o clube voltou a segunda divisão. Quando nos encontramos para a entrevista, ele acabava de retornar de Governador Valadares, onde novamente dirigiu o Democrata no módulo B deste ano. Falou sobre a sua relação com o clube e também sobre o fato de ser tratado como uma segunda opção para dirigir o time.

O último dia de gravação em Belo Horizonte foi cercado de problemas técnicos. Os dois membros da equipe que me auxiliavam na capital tiveram de retornar a Viçosa. Com isso, a última entrevista com o jogador Fábio Jr., revelado pelo Democrata e hoje no América-MG, seria a primeira em que eu, ao mesmo tempo, conduziria a entrevista e captaria as imagens. Não dispunha mais do microfone de lapela e a captação do áudio foi feita por meio do microfone boom Yoga HT-81. O áudio é o de menor qualidade dessa produção, pois no Estádio Independência, onde conversamos, acontecia a reforma de um dos setores das arquibancadas que, gerando um barulho que se sobrepôs à fala do jogador em alguns momentos.

Após esta conversa, encerrei a produção. Nessa fase, entrevistei quarenta personagens, registrei um jogo, a interpretação do hino e também coletei grande parte do material de arquivo utilizado na produção. Após esta etapa dei início à seleção do material, à montagem e ao fechamento do roteiro.

### **3.3. Pós-Produção**

A pós-produção, a meu ver, é a etapa mais importante e delicada de todo o processo de elaboração de uma peça audiovisual. A execução eficaz de tudo aquilo que a precede irá influenciar diretamente a montagem. É na pós-produção que a ideia ganha forma, que o argumento pode ser visualizado; enfim, é aqui que se constrói um sentido para todo o material trabalhado até então.

A primeira parte desta última etapa do produto audiovisual consiste na apreciação de todo o material captado. No caso do documentário que integra este TCC foram: vinte horas de entrevistas; dez horas de matérias, programas e jogos em vídeo; cinco horas de imagens para as peças avulsas - abertura, inserções, off, encerramento; além de mil e quinhentas imagens, entre fotografias de times e páginas de jornais.

Com este material em mãos, dei início à decupagem. Aqui, o diretor descreve minuciosamente todo o conteúdo disponível para a pós-produção. Não há necessariamente um descarte, mas sim uma avaliação que consiste na observação de brechas do pré-roteiro e possíveis novas nuances para o projeto. Ao decupar o diretor faz uma espécie de "minutagem" do material. Nas entrevistas, por exemplo, descreve-se o conteúdo das falas que podem vir a integrar o produto final e aponta-se o assunto daquelas que, por ora, não tenham tanto valor. É a primeira oportunidade de avaliar se o argumento e a sinopse traçadas para o filme terão condições de se concretizar.

Avaliando todas as entrevistas que tinha em mãos - e já atento ao grande número de personagens - optei por alguns descartes: o ex-jogador Aldacir Alves, os torcedores Palmerindo, José Pires e Filhinha, os radialistas Wendel Camilo e Ademir Cunha.

Os descartes foram motivados pelo baixo valor documental das falas desses seis personagens. Porém, cada um contém uma justificativa específica. Aldacir Alves atuou no futebol amador e profissional do Democrata no mesmo período em que os craques Ziquita e Luiz Alves, ou seja, nos anos 70. Ao longo da pesquisa, o nome de Aldacir aparecia em alguns relatos sobre o clube. Porém, durante a entrevista ele foi deixando claro que a sua relação com o Democrata era apenas uma diversão e ele pouco havia atuado nas principais competições. Além disso, a brevidade com que esse período é abordado no documentário e a presença de personagens reconhecidamente importantes fizeram com que eu optasse por não utilizar esta entrevista no produto final.

Já os torcedores José Pires e Palmerindo tiveram suas entrevistas descartadas por motivos distantes daqueles do Aldacir, mas próximos entre si. Os dois são torcedores ativos, participam do dia-a-dia do clube e auxiliam até mesmo nas atividades essenciais para sua manutenção. Além disso, acompanham o Democrata já há quase três décadas e por muito tempo integraram a torcida organizada Pantera Cor-de-Raça. Contudo, o conteúdo das entrevistas não foi dos melhores. Com falas genéricas e pouco descritivas, eles se resumiram a falar da paixão e ligação com o time, o que por si só, não justificava a presença desses personagens no documentário. Os outros que ocupam o mesmo papel social destes na obra, ou

seja, "o torcedor", se estenderam por assuntos de grande importância, além, é claro, de destilarem todo o seu amor pelo E.C.D. e etc.

Situação semelhante ocorreu com a ilustre torcedora do Democrata, dona Filhinha. A fundadora da primeira torcida organizada do clube, a Raça Democratense, não se recorda mais da sua relação com o clube nos anos sessenta. Várias das perguntas da entrevista ficaram sem respostas ou contavam com informações incorretas.

O radialista Wendel Camilo, ao lado do Osmar Xavier, é um dos repórteres de campo nas partidas do Democrata. O personagem que o pré-roteiro descrevia para ele não foi alcançado. Mesmo diante da sua boa articulação e de construções textuais que se encaixariam no filme, Wendel não mostrou intimidade com a história do time. Como a sua inserção aconteceria em apenas um trecho do documentário - no caso o segundo momento do terceiro bloco, no qual se aborda a última década do futebol democratense - optei por não utilizá-lo. Já Ademir Cunha, devido aos motivos supracitados, contribuiu muito pouco para a elucidação dos desdobramentos dos anos 70 e 80. A opção por descartá-lo, cogitada ainda na produção, foi confirmada nesta etapa.

Após o descarte, restaram trinta e quatro personagens, entrevistados por mim, para compor o filme. Ainda assim uma gama extensa, considerando-se a duração do filme de uma hora e vinte minutos. Porém, apenas dois personagens atravessarão todo o desenrolar da trama do documentário: Tim Filho e Hadson Santiago. Isso, pois, apesar de não terem acompanhado de perto os oitenta anos da história do time, eles são notadamente os seus maiores pesquisadores.

Já os outros personagens foram inseridos no roteiro cada um a sua época e, salvo algumas cenas isoladas, não voltam a participar do filme. É o caso, por exemplo, dos primeiros jogadores do Democrata ou dos presidentes que se mantiveram por apenas uma década. Cada um dos três blocos descritos na pré-produção teve entre dezoito e vinte personagens, sendo que uma parcela destes resumem a sua participação a duas ou três falas.

A seleção do material de arquivo foi o segundo passo da pós-produção. De posse do conteúdo detalhado das entrevistas, pude fazer uma curadoria mais afinada. Digo isso, pois no DRD, por exemplo, fotografei tudo aquilo que poderia de alguma maneira ser útil no documentário. Registrei todos os principais assuntos que envolviam o Democrata nas páginas esportivas. Mas, em se tratando de uma cobertura factual, são muitos os assuntos abordados no diário. Com isso, fiz a primeira seleção baseada no pré-roteiro, nas falas e suas lacunas.

Fiz o mesmo com as fotografias, programas e matérias de televisão, vídeos e narrações radiofônicas dos jogos do clube. Enfim, um processo de cerca de um mês - entre a decupagem das entrevistas e a seleção do arquivo - que começava a traçar as nuances que o roteiro, já mais amadurecido, ganharia daqui pra frente.

Foi nesse momento que defini a primeira versão do roteiro, com cerca de uma hora e quarenta e cinco minutos de duração. Era a primeira construção filmica com a abordagem de todos os assuntos listados no pré-roteiro. Aqui já estava incluso o primeiro roteiro de imagens definindo possíveis entradas e saídas de fala, já com seus prováveis encadeamentos. Nesta etapa deu-se início ao processo de edição das imagens brutas.

Os softwares utilizados no processo de pós-produção são da Adobe Systems. Listo aqui três deles: Adobe Premiere - plataforma de edição de vídeo e áudio; Adobe Illustrator - plataforma de tratamento de imagens; e Adobe After Effects - plataforma de finalização de vídeos.

Os trabalhos de edição começam através do Adobe Premiere, com o qual fiz os primeiros recortes para construir o documentário bloco a bloco, assunto a assunto. Em primeiro lugar, delimittei e agrupei todas as boas falas referentes a um tema como, por exemplo, a rivalidade entre Pastoril e Democrata ou os times de destaque das década de 40 a 60 – “expresso do vale” e “time do olé”.

Ao agrupá-los, passei a testar encadeamentos e propor sequências narrativas primárias, ou seja, ainda longas e com repetição de informações. Esse procedimento me proporcionou uma certa maleabilidade na construção do sentido do documentário como um todo.

Assunto a assunto, construí os três blocos. Como disse, ainda possuía cenas longas com cortes que deveriam ser afinados. Além disso, havia apenas a sugestão de espaços nos quais seriam inseridas imagens de off e de arquivo. Neste primeiro momento, a história era contada única e exclusivamente através dos depoimentos.

A seguir, fiz o primeiro afinamento dos cortes e descartes de assuntos previstos no pré-roteiro. Essa seleção foi feita em duas linhas paralelas: uma que leva em consideração a relevância do assunto para a obra cinematográfica e outra que se baseia na qualidade dos depoimentos e das imagens de arquivo.

O documentário chegou aqui à duração de uma hora e vinte minutos - já com as indicações de espaço para as peças avulsas e prováveis inserções de imagens de arquivo e off. Neste momento, após assistir várias vezes ao esboço do filme, inseri todas as imagens de off e arquivo em sua estrutura. Aqui foi definido cerca de 90% de todo o conteúdo de apoio

utilizado - ainda sem o descarte das outras imagens que poderiam vir a preencher lacunas criadas pela alteração posterior na estrutura narrativa do documentário.

Na etapa seguinte dediquei-me a selecionar e inserir toda a trilha sonora do filme. Logo após selecionei as últimas imagens que comporiam o off. Na sequência dei início à edição das imagens do jogo e construí cinco momentos distintos: o pré-jogo (abertura), o 1º tempo (intervalo entre o 1º e o 2º bloco), o 2º tempo (intervalo entre o 2º e o 3º bloco), o pós-jogo (percorreria, em trechos espaçados, os últimos dez minutos do documentário), além do estádio já vazio e com as luzes apagadas (peça de encerramento e créditos).

Por último, construí a peça com a interpretação do hino do Democrata pelo seu compositor, Housemberg Pettersen, o Velho Rosa. Aqui enfrentei uma situação diferente de toda a edição do documentário: com cinco tomadas diferentes foi necessário sincronizar todas as imagens ao áudio de apenas uma delas, o que gerou o descarte de algumas cenas.

Ao assistir o documentário na íntegra, pude então fazer o último recorte afinado do conteúdo, definindo-o como um longa-metragem de uma hora e vinte minutos de duração. Com isso, o roteiro, que segue em anexo a este memorial, estava concluído. Posteriormente, apenas algumas questões técnicas foram alteradas no produto que tinha em mãos. Primeiramente no Adobe Illustrator, onde fiz todas as correções nas imagens de off e de arquivo selecionadas para esta obra audiovisual, equilibrando cor, contraste e definindo o seu formato. Paralelo a isso, ainda no Adobe Premiere, dediquei-me a corrigir a cor e o áudio de todos os vídeos. Fiz alterações, por exemplo, nos vídeos citados na produção pela sua variação da luz - entrevistas com Ziquita, Luiz Alves, José Maria Pena, Nicomédes Felício, entre outros.

O áudio foi mixado, equalizado e corrigido: som estourado (entrevista com Hadson Santiago), captações de áudio em apenas um canal (entrevistas com José Maria Pena e Faete) e interferência de barulhos alheios à fala (entrevistas com Fábio Jr. e Marinho).

Terminada a edição, iniciou-se a finalização do vídeo no software Adobe After Effects. Nele foi possível inserir grande parte dos efeitos utilizados ao longo do documentário: trajetória de movimentação das imagens de off, aceleração e desaceleração da duração das imagens das peças avulsas, além dos movimentos de paralaxe, entre outros, nas fotografias.

### **3.4. Material, orçamento e cronograma**

#### **b) Material**



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um ano se passou e, enfim, o filme *Pantera* ganhou forma. Logo no início do mês de agosto de 2012, em meio à indecisão na escolha do tema para este Trabalho de Conclusão de Curso, um lapso de memória suscitou uma recordação da minha cidade, Governador Valadares, que não se apagou após quatro anos fora de lá. Tratava-se do Esporte Clube Democrata.

O futebol sempre esteve presente em minha vida pessoal, porém, nunca me interessei pelo exercício do jornalismo esportivo. Ao longo da elaboração deste TCC, percebi que esse desinteresse muito tinha a ver com a linguagem recorrentemente adotada nessas produções, principalmente, audiovisuais. O uso exacerbado do humor e da ironia, a meu ver, desconsidera a complexidade e a relevância dos clubes de futebol num contexto histórico. Busquei, então, adotar uma narrativa que se distanciasse deste padrão, sem abrir mão da coloquialidade e do despojamento tradicionais do futebol.

Ao longo de todo o documentário, o assunto é futebol. Porém, não reduzi isso às quatro linhas. Compreendi o termo em sua mais ampla acepção. Durante uma hora e vinte

minutos, os entrevistados são dispostos na estrutura do filme de forma a refletir e analisar os rumos que o Democrata tomou nos últimos anos, as dificuldades de um time do interior e as polêmicas do passado. As conquistas e decepções do time são pano de fundo de todo o desenrolar dessa trama.

Outro fator constantemente explorado no documentário é a dicotomia entre cidade e o clube. Deixei-me levar pela opinião de grande parte dos entrevistados ao se referirem a incoerência dessa relação. Para alguns personagens - e parte da bibliografia base para este trabalho mostra isso - a função desempenhada pelo E.C.D. frente à sociedade valadarense não é reconhecida e pouco tem valor ou importa ao poder público e à iniciativa privada. Através das lembranças e do confronto das memórias coletivas, consegui traçar um argumento baseado nas impressões desses homens e não no "real", debatido no primeiro capítulo.

Produzir um documentário é uma tarefa extremamente complexa e, diferentemente dos gêneros jornalísticos, dificilmente pode-se cumpri-lo com eficácia sem o auxílio de outros profissionais. Como descrito no relatório técnico, ao longo de dez meses idealizei, dirigi, escrevi, produzi, entrevistei, editei e finalizei o produto audiovisual. Ou seja, participei efetivamente de todas as etapas da elaboração de um filme, mesmo contando com o apoio de outros dois graduandos em jornalismo. Hoje, percebo que esta responsabilidade não pode ser assumida por apenas uma pessoa, pois todas as etapas precisam ser executadas com precisão e objetividade. Deve-se dispor de tempo para pesquisar, intercalar entrevistas, elaborar um roteiro, selecionar o material, editar e, finalmente, finalizar o vídeo. Creio que a experiência de executar todas as funções da produção audiovisual foram determinantes para que eu pudesse compreender a abrangência do gênero, as possibilidades de cada etapa e, também, aquelas funções em que obtive um rendimento mais produtivo.

Até o fim do ano, em parceria com a revista *Benedita*, editada pelo jornalista Tim Filho, lançarei o documentário em Governador Valadares. Só neste momento será possível compreender se a absorção do público-alvo, o último dos objetivos deste trabalho, foi facilitada pela escolha da plataforma audiovisual.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade, lembranças de velhos**. São Paulo: T.A. Queiroz Editor. 1979.

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. **Usos e abusos da história oral** . 3ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 2000.

FILHO, Tim. **Democrata: A Pantera Cor-de-Raça**. Governador Valadares-MG: Edição do autor, 2010.

GRIERSON, John. Princípios iniciais do documentário. In: PENAFRIA, Manuela (org). **Tradição e Reflexões**: contributos para a teoria e estética do documentário. Covilhã, Portugal: Livros Labcom. 2011.

GOFF, Jacques Le. **Memória – História**. Lisboa: Imprensa Nacional, 1984.

MATOS, Júlia Silveira; SENNA, Adriana Kivanski de. História oral como fonte: problemas e métodos. **Historiae**, Rio Grande, v. 2, n. 1, p. 95-108, 2011. Disponível em: <<http://www.seer.furg.br/hist/article/view/2395/1286>>. Acesso em: 27 de julho de 2013.

MELO, Cristina Teixeira Vieira de. O Documentário como Gênero Audiovisual. In: XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2002, Salvador. **Anais do XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, 2002. v. 1.

MELO, Cristina Teixeira de; GOMES, Isaltina; MORAIS, Wilma, O documentário jornalístico, gênero essencialmente autoral. **Anais do XXIV Intercom**. Campo Grande, 2001.

MIGLIORIN, Cezar. Documentário brasileiro recente e a política das imagens. In: **Ensaio no real**. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2010, p. 9-25

MONTENEGRO, Antonio Torres. **História oral e memória. A cultura popular revisitada**. São Paulo: Contexto, 1994.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. 4. ed. Campinas,. SP: Papyrus, 2009. 270 pág.

PENAFRIA, Manuela. **Perspectivas de Desenvolvimento para o Documentarismo**. BOCC - UBI. 1999. Disponível em: <<http://ubista.ubi.pt/~comum/welcome.html>>. Acesso em 26 de julho de 2013.

PENAFRIA, Manuela. **O ponto de vista no filme documentário**. BOCC - UBI. 2001. Disponível em: < <http://www.bocc.ubi.pt/pag/penafriamanuela-ponto-vista-doc.pdf> >. Acesso em 30 de julho de 2013.

PENAFRIA, Manuela. Análise de filmes – conceito e metodologia(s). In: **Anais VI Congresso SOPCOM**, Lisboa, Abril de 2009. Disponível em: <<http://www.bocc.uff.br/pag/bocc-penafriaanalise.pdf>>. Acesso em 14 jul. 2013.

PENAFRIA, Manuela, **O filme documentário. História, Identidade, Tecnologia**. Edições Cosmos, Lisboa, 1999.

PENAFRIA, Manuela. Teoria realista e documentário. In: PENAFRIA, Manuela (org). **Tradição e Reflexões: contributos para a teoria e estética do documentário**. Covilhã, Portugal: Livros Labcom. 2011.

PUCCINI, Sérgio. **Roteiro de documentário: Da pré-produção à pós-produção**. PAPIRUS, Campinas, 2009. 144 pág.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos** 3, Memória, Rio de Janeiro, 1989. Disponível em: < [http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria\\_esquecimento\\_silencio.pdf](http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf) >. Acesso em 29 de julho de 2013

ROLKOUSKI, E. ; SILVA, Heloisa da. As Vozes do Passado - História Oral: Paul Thompson x Philippe Joutard. In: **Anais II Seminário Internacional de Pesquisa Qualitativa**, 2004, Bauru. II Seminário Internacional de Pesquisa Qualitativa, 2004.

SILVA, Claudinei Fernandes Paulino. A Teoria da Memória Coletiva de Maurice Halbwachs em Diálogo com Dostoiévski: Uma Análise Sociológica Religiosa a partir da Literatura. In: **Revista Theos – Revista de Reflexão Teológica da Faculdade Teológica Batista de Campinas**. Campinas: 6ª Edição, V.5 - Nº2 – Dezembro de 2009. Disponível em: <[http://www.revistatheos.com.br/Artigos/Artigo\\_06\\_2\\_01.pdf](http://www.revistatheos.com.br/Artigos/Artigo_06_2_01.pdf)>. Acesso em 13 de julho.

SOARES, Ruth. **Memórias de uma cidade**. Governador Valadares: Tribuna Fiel, 1983.

WINSTON, Brian. Documentário: penso que estamos em apuros. In: PENAFRIA, Manuela (org.) **Tradição e Reflexões: contributos para a teoria e estética do documentário**. Covilhã, Portugal: Livros Labcom. 2011.

**ANEXOS**

# **ROTEIRO**

**Título: Pantera**

**Duração: 1h20min.**

**Direção: Fábio Moura**

**ABERTURA:**

O documentário tem início nos preparativos para a partida entre Democrata e Social de Coronel Fabriciano pela segunda rodada do Campeonato Mineiro da segunda divisão de 2013. Este trecho relata os acontecimentos que antecedem a partida: movimentação da cidade, chegada dos torcedores à rua do estádio, preenchimento das arquibancadas, aquecimento dos jogadores e da Pantera Cor-de-Raça, início da transmissão nas rádios, bem como a entrada em campo do time do Democrata.

Logo após, um recurso de edição que se assemelha aos antigos projetores de slides, levará o espectador até o ano de 1931 através de fotos de times de todas as décadas. Encerra-se aqui a abertura.

**1º BLOCO:**

*Nesta parte serão retratados os sessenta primeiros anos do clube. Desde os anos 30, com os antecedentes, contexto e a criação do clube em 1932 até a derrocada aliada às*

*injustiças que levaram o Democrata a ser banido do Campeonato Mineiro no fim dos anos 80.*

**Entrevistados deste bloco, por ordem alfabética:**

Almir Vargas  
Carlos Albuquerque  
Chico Duro  
Darci Meneses  
Edmilson Rodrigues  
Faete  
Hudson Santiago  
Ilma Rocha  
Luiz Alves  
Marcelo Melo  
Marilda Rocha  
Otávio de Oliveira  
Parceirinho  
Renan  
Tim Filho  
Zilda  
Ziquita

Logo após a abertura, que procura evidenciar a estreita ligação do time com a cidade e sua história, remontando inclusive aos tempos de figueira do Rio Doce, Tim Filho abre o 1º bloco apresentando uma versão da história "como era contada". Numa "troca de passes" entre ele e Hudson Santiago, remontam a verdadeira história do surgimento do Democrata. Tendo suas origens nos desfeitos times do Flamengo e Ibituruna.

Durante esse bate-papo inicial entre Tim e Hudson, abre-se espaço para a inserção de mais duas personagens do filme. Marilda e Ilma da Rocha, sobrinhas de Inhazinha Rocha, figura folclórica na história embrionária do clube. Sentadas uma ao lado da outra enquanto entrevistadas, falam sobre a personalidade de Inhazinha, que por foto nos é apresentada. Os recortes de jornais e a volta das falas de Tim e Hudson decretam o nascimento do time como é hoje chamado: Democrata. Nos são mostrados recortes de jornais que dizem isso expressamente e a imagem do escudo do clube surge enfim.

Otávio de Oliveira, neto do primeiro vice-presidente do clube também é acrescido à estrutura do filme. Ouvimos falar agora sobre o amadorismo e as viagens para a disputa de amistosos. Mais um recorte de jornal surge e nos apresenta em letras grandes a alcunha, motivo de orgulho, do time daquela época: "O Expresso do Vale". Otávio Oliveira e Marcelo Melo falam sobre a qualidade do time de então e sobre sua invencibilidade nas partidas pelos

lugarejos às margens da estrada de ferro. Relembra nomes de importantes jogadores de então, dentre eles, Faete, que nesse momento do filme surge pra decretar: "Nós sempre vencíamos! Por isso que surgiu esse nome 'Expresso do Vale'. Não tinha um time que ganhasse do democrata".

Há nesse ponto do filme um fade curto que procura causar um leve desligamento na narrativa, trazendo de volta "O Expresso" a Valadares. É Marcelo quem cita primeiramente o Clube Atlético Pastoril, que a essa altura fora criado na cidade e que seria o time com o qual o Democrata estabeleceria uma grande rivalidade nos idos dos anos 50 e 60.

O Pastoril, time financiado pela Cobraice, empresa de compensados de madeira; e formado basicamente por operários era, então, o grande clube da cidade, como enfatiza Chico Duro, ex-jogador do Democrata. Aos poucos, segundo ele, o Democrata foi se montando e criando um grande clube ao apostar em jogadores novos e da região. Característica que o Democrata aplicaria em vários outros momentos da sua história, tornando-se uma "marca registrada" por assim dizer.

Hadson, Tim, Marcelo, Otávio e, o personagem recém incluído, Chico Duro, dão destaque a enorme rivalidade entre os clubes. Otávio diz que naqueles jogos entre os dois times "o pau quebrava". Tim Filho conta que já na década de 60 o Democrata partiria rumo ao profissionalismo enquanto o Pastoril, em função da "quebra" da Cobraice, deixa de existir. Rivalidade devidamente apresentada e destacada, temos um fade após a fala de Hadson em que ele afirma que os Pastorilenses ainda hoje torcem contra o Democrata. Fruto da rivalidade de mais de 50 anos atrás.

Após o fade, volta-se com a imagem de um jornal com a seguinte informação: "José Abbas assume presidência e vai construir estádio." Essas imagens são cobertas pelo áudio da entrevista de Marcelo Melo. Cortamos ao fim das fotos para a fala de "Parceirinho", roupeiro do clube, desde então e até hoje, e que nesse momento surge para falar sobre sua participação na construção do estádio. Na sequência, fotos do estádio na época de sua construção. Procura-se dar destaque a esse fato, pois segundo Marcelo, que retoma logo após à sequência de fotos, através da construção do estádio o Democrata passa a ganhar mais espaço dentro da Federação Mineira de Futebol. Após um tumultuado Campeonato Mineiro da segunda divisão em 68, quatro clubes são convidados à 1ª divisão, dentre eles está o Democrata. Quem nos dá essa informação é Hadson Santiago. O time era bom, como destaca Hadson. Porém, de acordo com Luiz Alves, ex-jogador e membro da "Comissão dos 5", se impunha apenas dentro de casa com apoio da torcida. Jogando fora era quase um desastre.

O time é rebaixado à segunda divisão e retorna ao amadorismo nos anos seguintes. De 72 a 75, o clube começa a vivenciar uma nova era. Consegue montar um grande elenco com jogadores amadores para disputar a Taça Minas Gerais em 75. Os grandes destaques desse time são o goleiro Juvenal e o atacante Ziquita. Surge Ziquita, enquanto personagem do filme, para enfatizar esse grande momento: "o time era muito bom! Nosso time era muito bom! Perdemos no tapetão e não dentro de campo". Luiz Alves, acompanhado de notícias de jornais da época, dá início ao relato sobre as irregularidades nos nomes de jogadores inscritos naquela equipe.

Luiz Alves levanta dúvidas quanto aos culpados por essas irregularidades, citando o então presidente José Abbas como possível responsável. Neste momento, auxiliado pela manchete "José Abbas diz que desmascara opositores", quebra-se para uma entrevista de arquivo com Abbas dando a sua versão dos fatos. Nesse trecho, Abbas se defende ao atribuir à "Comissão do 5", a responsabilidade das possíveis adulterações nos registros dos jogadores com a intenção de derrubá-lo da presidência.

Ao fim da entrevista de arquivo de Abbas e de volta às entrevistas do filme, vemos surgir como personagens da película o torcedor Edmilson José Rodrigues e o ex-presidente Almir Vargas (que geriu o clube ao longo dos anos 80 e início dos 90). Os dois falam dos anos subsequentes, onde o clube figurou no amadorismo da região até 1980. Hadson Santiago relata que o Democrata raramente deixou de fazer boas campanhas no Campeonato Mineiro entre os anos de 79 e 86. Nesse período o Democrata se propôs a ser grande. Mesmo que "um pequeno entre os grandes, mas ainda sim grande". É o que declara Edmilson Rodrigues. A fórmula do sucesso é mais uma vez apostar nos jovens da categoria de base e nos jogadores da região; além da força da torcida nos jogos em casa.

Com o auxílio de um fade, Luiz Alves entra para destacar que mesmo nesses tempos de profissionalismo, algo que marca a história do clube, são as relações não tão profissionais com alguns de seus funcionários: Parceirinho, que mora em um barraco dentro do estádio, e dona Zilda lavadeira, que, como ela mesma diz, "trabalho aqui por amor ao clube. O dinheiro é bom quando entra, mas o importante é o carinho que eu tenho pelo Democrata".

Segue-se com Almir Vargas, Tim, Edmilson e Luiz contando sobre a construção das arquibancadas metálicas - última grande alteração na concepção do estádio - e de sua importância para o clube. Os entrevistados destacam que ali ficam os torcedores do "povão" ou, ainda, aqueles mais identificados com o clube.

Sáimos desse ponto para os anos 80. Abrindo, uma imagem da faixa de campeão da Taça Minas Gerais de 81, conquistada pelo Democrata. Aparece nesse momento Darci Meneses, jogador que atuou naquela equipe. Logo após uma sequência de fotos sintetiza os bons momentos do clube entre 82 e 86.

Já em 87, segundo Hadson e Edmilson, o time não consegue escapar da "degola" e acaba voltando a segunda divisão do Campeonato Mineiro. Edmilson e Carlos Albuquerque - personagem que se incorpora agora ao documentário - relatam o abandono da torcida e da imprensa nos primeiros jogos da segunda divisão em 1988. Segundo Albuquerque, ao olhar para a "metálica" via-se 3 ou 4 torcedores ali. Cita Tim e Edmilson - torcedores que já nos acompanham na narrativa até aqui - e Renan - que logo na sequência tem sua primeira aparição no filme. É a partir deles, e nesse período, que surge a principal torcida organizada do Democrata: a Pantera Cor-de-Raça.

O time cresce na disputa da segunda divisão e consegue ficar em segundo lugar, garantindo sua ascensão. Hadson, Tim, Edmilson, Jairo Taborda - novo personagem do documentário - e Carlos Albuquerque, auxiliados por imagens de jornais, contam sobre outra derrota do Democrata no "tapetão".

Já disputando a primeira divisão em 89 o Democrata e seus torcedores assistem indignados ao que, segundo Hadson, foi um conluio arquitetado pelo América Mineiro e pela Federação Mineira de Futebol. Após requisição do América, que ficou em nono lugar no campeonato da primeira divisão, atrás do Democrata, e com isso fora do octagonal final; a Federação acaba por anular um jogo entre Pouso Alegre e Atlético de Três Corações válido pela última rodada da segunda divisão mineira de 88. A partida é remarcada, o Pouso Alegre vence e, com isso, assume a vaga do Democrata na primeira divisão. Almir Vargas, então presidente do clube, ressurgue nessa fase de depoimentos para deixar claro sua indignação com Elmer Guilherme, presidente da Federação Mineira à época, a quem chama de "irresponsável". Tim ainda reforça a postura agressiva assumida pelo presidente. Entre lamentos e reclamações dos torcedores, o bloco caminha para o seu fim.

### **PEÇA DE TRANSIÇÃO: (1)**

Temos aqui a sequência de imagens do primeiro tempo do jogo entre Democrata e Social pela segunda divisão do Campeonato Mineiro de 2013. Abre-se com o grito da torcida em incentivo ao time. Logo na sequência, o Social abre o placar na narração da rádio. Vemos

os jogadores do Democrata discutindo com a arbitragem. As imagens mostram uma torcida que segue apoiando o time em busca da virada. Os tambores tocam, a torcida canta e ouve atentamente a narração no rádio. Vibra, embora se decepcione em determinados momentos com a má atuação do time. A narração da rádio globo traz seus comentaristas falando sobre o ataque "inoperante" da Pantera. O técnico Marcos Badday parece nervoso. Conversa com seus assistentes e demonstra insatisfação. O Democrata "parece perdido em campo", segundo a narração. Acaba o primeiro tempo e os jogadores deixam o gramado rumo ao vestiário. Apáticos.

## **2º BLOCO**

*Os anos noventa percorrerão toda a segunda parte do documentário. Começando com o retorno ao Campeonato da 1ª divisão já com um vice-campeonato em 1991; passando pelo tetracampeonato do interior mineiro, campeonatos nacionais e problemas financeiros e; chegando ao início dos anos 2000 com uma campanha que o levou de volta a 2ª divisão do Mineiro.*

### **Entrevistados deste bloco, por ordem alfabética:**

Almir Vargas  
Carlos Albuquerque  
Darci Meneses  
Edmilson Rodrigues  
Fábio Júnior  
Getúlio Anacleto  
Gilmar Estevan  
Hudson Santiago  
José Maria Pena  
Jairo Taborda  
Langlebert Drumond  
Osmar Xavier  
Tim Filho  
Paulo de Tarso  
Renan  
Sílvio Siqueira  
Tico Mineiro

Após a batalha travada na justiça contra a FMF, o Democrata foi alijado das competições oficiais e profissionais. Mas a torcida seguiu apoiando e agindo nos bastidores.

Em 91, o comandante valadarense José Eustáquio Natal interveio. Ele foi companheiro do pai de Elmer Guilherme no exército e usou de suas influências para ajudar o time do Vale do Rio Doce a retornar à elite do futebol mineiro em 91.

O time é montado às pressas, sob o comando do técnico José Maria Pena. Tim, Edmilson e Hadson ressaltam o temor da torcida diante da falta de experiência do time. José Maria Pena comenta essa desconfiança. Carlos Albuquerque relembra que o temor de um fiasco cresceu ainda mais quando foi divulgada a tabela. A estreia seria contra o "todopoderoso" Atlético Mineiro, que na época contava com importantes nomes do futebol, como Sérgio Araújo. Tim fala que ao ver os garotos em campo todos pensavam que o Democrata "tomaria uns 7 ou 8 do Atlético."

Para surpresa da torcida, o time faz uma boa estréia. A manchete do jornal enaltece a atuação da Pantera e serve de pausa na narrativa. Retomada na sequência com a voz de Carlos Albuquerque, encoberta por fotos e jornais, onde relata o depoimento de Sérgio Araújo, jogador do Atlético, em que diz que "Nunca tinha visto nada igual no interior. Parecia que o estádio iria cair quando o Democrata fez gol". Silvio Siqueira e Gilmar Estevam, ambos ex-jogadores daquele time, trazem suas impressões sobre aquele momento. Os dois citam o fato de ser um time de jovens, montado às pressas e descrente das esperanças dos torcedores.

Aos poucos o Democrata vai se acertando. Há clima de união muito promissor dentro do grupo. Jairo Taborda complementa essa tese ao falar que aquele sucesso era resultado de um esforço conjunto da diretoria, dos jogadores e da comissão técnica. José Maria Pena corrobora esse sentimento ao dizer que mesmo sendo um time de jovens, era de se admirar a seriedade com a qual os jogadores encararam aquele campeonato. E isso, claramente, foi o responsável por chamar a atenção do estado de Minas Gerais para aquela campanha.

O clima de empolgação, criado por uma campanha que contou com vitórias sobre o Cruzeiro e o América, por exemplo, é ilustrado pelas falas de Hadson, Edmilson e Tim. Vê-se que os torcedores mais fanáticos começavam a acreditar no título. Na reta final do torneio o time é derrotado pelo Atlético Mineiro e tem que se contentar com o vice-campeonato.

Neste momento há a quebra desta narrativa entusiástica com imagens de arquivo dos gols do Atlético sobre o Democrata. Ao voltar para os entrevistados, José Maria Pena afirma que o time tinha ido muito além do que a própria cidade esperava. Carlos Albuquerque complementa dizendo que o breve sentimento de decepção, natural pela expectativa criada, caiu por terra e logo a torcida começou a exaltar a façanha do vice campeonato. Utiliza-se aqui de imagens da faixa e pôster de vice-campeão. Gilmar Estevan afirma que o Democrata

havia realizado uma façanha naquele ano ao deixar os grandes da capital "para trás" e por ter "batido de frente com o Atlético no Mineirão".

Neste momento, a metálica e a Pantera Cor de Raça tem o seu valor reconhecido nessa conquista. José Maria Pena, Tim e Edmilson afirmam que a torcida impulsionou a boa campanha. José Maria Pena cita ainda que a média de público nos jogos em casa era de mais de oito mil torcedores. Tim Filho lembra que mesmo fora de seus domínios, a torcida da Pantera comparecia em grande número e, por vezes, suprimia a torcida local. Renan e Edmilson complementam a fala de Tim ao dividir a história do clube em antes e depois da metálica e da Pantera Cor de Raça.

Após a principal conquista na história do Democrata, há uma quebra na narrativa. Housemberg Pettersen interpreta o hino, composto por ele, das cadeiras cativas do estádio José Mammoud Abbas. Após o último acorde de seu violão, ele grita "demô" e com um sorriso sai de cena através de um fade que nos traz de volta aos depoimentos.

Jairo Tabora retoma com a mudança na diretoria. "Saiu Almir que estava cansado e entrou Langlebert Drumond". Vemos, então, mais esse personagem ser incorporado a sequência narrativa do documentário. Em seu primeiro relato, Langlebert cita a dificuldade em manter o time no status que ele havia alcançado. Logo na sequência, Edmilson lembra que os torcedores começaram a projetar o Democrata a um nível superior do restante dos clubes do interior. Langlebert, então, destaca o nível elevado que ele conseguiu manter ao conquistar por três anos seguidos o título de campeão do interior mineiro.

Em 95, o time disputa a Copa do Brasil e não decepciona. É o que diz o ex-jogador Tico Mineiro. Hadson lembra também que o Democrata disputou a série B do Campeonato Brasileiro no lugar do América-MG, que havia se desentendido com a Federação. O Democrata figurou na segunda divisão por dois anos, só desistindo da disputa em 96 por falta de recursos financeiros.

Segundo o torcedor Edmilson e o ex-jogador Silvio Siqueira, o time começa a se desestruturar após esta fase áurea. Os gastos aumentaram muito e mesmo com a venda de alguns jogadores, como Fábio Jr., o clube não conseguia se sustentar. Paulo de Tarso lembra ainda que, de certa forma, o Democrata fez boas negociações.

Após um fade que marca uma leve pausa na narrativa, Carlos Albuquerque começa a falar da parceria com a Azulzinha do Trenzinho, um bingo da cidade que no ano de 98 patrocinou o clube. Segundo o jornalista Osmar Xavier essa parceria trouxe esperanças aos torcedores. Jogadores renomados como Careca, ex- seleção brasileira, e Éder Lopes faziam

parte deste plantel. Carlos Albuquerque e Osmar Xavier relatam a desclassificação nas quartas de final pelo América-MG devido a influência da arbitragem.

Ao fim do campeonato a parceria se rompe em meio a polêmicas. Enquanto Hadson levanta o questionamento sobre o que haveria acontecido, Osmar Xavier fala sobre a falta de transparência neste processo da Azulzinha e da direção do Democrata. Langlebert Drumond, presidente da época, diz que a empresa não cumpriu com os acordos e, por fim, coube ao Democrata arcar com os custos da campanha de 98.

Carlos Albuquerque e Osmar Xavier comentam a crise financeira que se reinstaurou. Afirmam, ainda, que o rebaixamento começa a "bater à porta". Langlebert conta que em 2001 chegou a enviar carta a Federação desistindo de disputar o Campeonato Mineiro por falta de patrocinadores. Jornais da época reforçam o seu depoimento. Para não ficar de fora, o Democrata firma uma parceria com a Universidade Federal de Minas Gerais e monta um elenco às pressas em 2001. Mas não adianta e o clube é rebaixado à segunda divisão. Getúlio Anacleto, massagista do clube, afirma que Langlebert se esforçou ao máximo para manter o time, mas o rebaixamento era inevitável. "Não sei se o time era ruim ou era a comissão técnica, mas era algo diferente do Democrata que conhecíamos".

Edmilson e Osmar Xavier falam sobre o sentimento de tristeza e inconformismo. Segundo Edmilson, a série B era muito pouco diante da grandeza do Democrata. Osmar relembra que esta crise gerou uma grande pressão sobre a diretoria. O então presidente Langlebert Drumond, encerra o bloco relatando as alegrias e decepções que o Democrata lhe trouxe. Ele abandona o cargo antes mesmo do fim do mandato, após a queda em 2001.

## **PEÇA DE TRANSIÇÃO: (2)**

Sob os cânticos de "vamos virar Demô!" entoado pela torcida, voltamos ao segundo tempo do jogo contra o Social. As narrações da rádio exaltam o estímulo que o time vem recebendo da torcida mesmo estando atrás no placar. De uma cobrança de falta nasce o gol do empate. A torcida vibra, o banco de reservas se alvoroça. É mostrado o trabalho de aquecimento dos reservas a beira do campo enquanto a torcida segue fazendo a "metálica" tremer em incentivo à Pantera. A narração da rádio aponta um pênalti. A torcida está tensa antes da cobrança. O narrador segue eufórico: "É pra virar! É pra virar!". E o time vira. Gol feito e a torcida explode de alegria mais uma vez naquela noite. O jogo se aproxima do fim e a torcida segue incentivando. O técnico Marcos Badday anseia pelo fim da partida e se irrita ao ver o quarto

árbitro levantando a placa que indicava três minutos de acréscimo. Torcedores pedem o fim da partida antes que esta peça se encerre.

### **3º BLOCO**

*No terceiro bloco do documentário o assunto principal será a última década do clube. Desde o retorno à segunda divisão em 2002; passando pelo título de campeão mineiro de juniores em 2003, um quase título da Taça Minas Gerais de 2004, o retorno à 1ª do Mineiro e o pentacampeonato do interior em 2007; e chegando até as parcerias mal sucedidas e a queda do time em 2012 para a 2ª divisão.*

#### **Entrevistados deste bloco, por ordem alfabética:**

Carlos Albuquerque  
Darci Menezes  
Diego Dunga  
Edvaldo Soares  
Getúlio Anacleto  
Gilmar Estevan  
Hudson Santiago  
Jairo Taborda  
José Maria Pena  
Luiz Alves  
Marcelo Melo  
Marcos Badday  
Marinho  
Nicomédes Felício  
Osmar Xavier  
Paulo de Tarso  
Tim Filho  
Weldes da Silva

Imagens de arquivo mostram o Democrata como um clube abandonado, já há um mês sem presidente. Osmar Xavier descreve, então, a entrada de Luiz Bento Macedo diante da ausência de candidatos. Paulo de Tarso lembra da carta de desistência da segunda divisão do Campeonato Mineiro que seria enviada à Federação. Uma gravação da época traz o presidente Luiz Bento Macedo falando sobre a possível parceria com um empresário de Belo Horizonte. Voltando aos depoimentos, Paulo de Tarso chama esse empresário de "maluco" e conta o que o presidente Luiz Bento Macedo chegou a lhe confidenciar: "sei que é uma loucura. Mas assim eu ganho tempo pra disputar o campeonato e pagar as contas depois". Gilmar Estevan,

que acabara de retornar de Portugal, integra-se ao plantel do time sem receber por isso. É o que ele mesmo relata.

Hadson Santiago, na sequência, introduz mais um personagem: o atual presidente, Edvaldo Soares. Logo na primeira fala conta como começou a investir recursos no clube e decidiu que o melhor a se fazer era apostar novamente nas categorias de base. Hadson corrobora a fala do presidente ao dizer que a sua intenção era repetir a fórmula de sucesso dos anos 90, onde mais de cinquenta jogadores foram revelados pela base.

Darci Meneses lembra que as equipes da base recebiam tratamento semelhante ao profissional. O jogador Weldes da Silva, em seu depoimento, diz que no começo não haviam grandes esperanças diante da força dos times da capital no Campeonato Mineiro de Juniores em 2003. Ele relata que com o andamento do Campeonato, o time foi se acertando. Este trecho, já coberto pelas imagens do último jogo entre U.R.T. x Democrata em Patos de Minas, segue com a descrição do zagueiro Weldes sobre a situação daquela partida: mesmo com a derrota na última rodada o time sagrou-se campeão após o empate entre Cruzeiro e Atlético. Weldes finaliza a sua descrição com a reação dos jogadores em campo, após o fim da partida. Antecedida por uma tela preta, a comemoração dos jogadores é apresentada lentamente. Na sequência, manchetes de jornal e fotos da comemoração do time. Hadson Santiago enfatiza a importância daquela conquista. O massagista Getúlio diz que guarda no coração todos os garotos do time de 2003. Um pôster com os campeões é exibido.

Ao serem retomados os depoimentos, Hadson, Osmar Xavier e Gilmar citam a manutenção dessa base de garotos do júnior para a disputa da Taça Minas Gerais de 2004. Osmar Xavier descreve a situação do Democrata para alcançar o título daquela competição: vencer e torcer para uma derrota do Ipatinga. Imagens de arquivo mostram os gols da partida no Mamudão e no Ipatingão. O título não veio. Ficou com o Ipatinga. Osmar Xavier e Tim Filho, logo na sequência, acusam o time do Vale do Aço de ter "armado" o resultado de seu jogo contra o Uberlândia.

Em 2005, o Democrata começa mal a disputa da segunda divisão do Campeonato Mineiro. A diretoria contrata, então, José Maria Pena. Era preciso vencer as cinco partidas que restavam e o treinador conseguiu esta difícil tarefa. Além da classificação, o Democrata sagrou-se campeão e conquistou o acesso à primeira divisão. Hadson, Getúlio e o próprio José Maria falam dessa façanha. Segue-se com imagens de arquivo da partida entre Rio Branco e Democrata, que deu o título ao time de Valadares. Mostra-se imagens da festa em campo e

fora dele, a torcida eufórica toma as ruas de Valadares e a manchete do jornal destaca: "é campeão".

Em 2006, como relata Hadson, o time enfrenta dificuldades no retorno à primeira divisão. Em 2007, como relembra o presidente Edvaldo Soares, o time conquistou o pentacampeonato do interior mineiro. Hadson destaca as campanhas entre 2007 e 2010, com ênfase especial neste último. O jornalista Diego Dunga corrobora a sua fala ao lembrar que aquele foi o último grande time. Hadson Santiago e Carlos Albuquerque relembram a expectativa e a esperança que torcedores carregavam consigo ao longo desses anos.

Após um fado retomam-se os depoimentos com o jornalista Nicomédes Felício, onde ele diz que 2011 foi um "ensaio para o fiasco". Carlos Albuquerque traz a informação da parceria estabelecida com o Botafogo e Diego Dunga cita o otimismo da imprensa valadarense com o acordo firmado: "acreditamos que o time de 2011 viria ainda melhor que o de 2010, mas não foi o que aconteceu em campo". O presidente Edvaldo diz que aquele elenco fora um dos melhores que o Democrata já havia montado, mas que a comissão técnica não conseguiu ter o controle do time. "Todos sabem que noitada com futebol não combina. E foi isso que aconteceu." Paulo de Tarso corrobora essa informação dizendo que os jogadores tinham atitudes antiprofissionais. "Treinavam mais na vida noturna que dentro de campo".

Diego Dunga relata as brigas entre os jogadores e a desconfiança gerada por essa turbulência. Carlos Albuquerque fala do medo crescente, pela falta de resultados. O presidente Edvaldo, então, manda a comissão técnica embora e chama José Maria Pena para comandar o time. O técnico fala da necessidade de afastar vários jogadores titulares pra que o time encontrasse um rumo novamente. Para não cair pra segunda divisão, o Democrata precisava ganhar por três gols de diferença do Funorte, em Montes Claros. Além disso tinha de contar com a derrota do Ipatinga para o Tupi, no Ipatingão. Imagens de arquivo mostram o "milagre" alcançado pelo Democrata. Edmilson afirma: "todo torcedor democratense acabou de ouvir aquele jogo pelo rádio ajoelhado."

Nicomédes e Edmilson destacam o papel do técnico José Maria Pena para que o Democrata não caísse e se indagam: "porque não trazê-lo no início da temporada?" O próprio treinador tenta explicar ao dizer que nos últimos anos o Edvaldo vinha tentando cortar gastos, mas quando o resultado não acontece acaba-se gastando mais.

Se o fiasco maior não aconteceu em 2011, ele seria inevitável em 2012, afirma Nicomédes. "Outra parceria com um clube do Rio, dessa vez o Vasco da Gama", diz Carlos Albuquerque. Nicomédes e Diego Dunga descrevem a sequência de derrotas e a volta do

pesadelo do rebaixamento que ganhava corpo com as sucessivas derrotas. Para o presidente Edvaldo Soares, o elenco começou a se desestabilizar. Ele, então, resolve trocar o treinador e novamente contrata José Maria Pena.

Nicomédes, Getúlio e o próprio José Maria Pena afirmam que o time era de fato ruim. E com isso não teve forças para evitar o pior. Na partida final, contra o América de Teófilo Otoni, treinado pelo ex-jogador do Democrata Gilmar Estevan, o time foi derrotado e caiu para a série B do Campeonato Mineiro. Diego Dunga e Carlos Albuquerque narram as falhas do zagueiro Wesley nos dois gols do América-TO. Na tela, imagens da partida. Ao fim das imagens, corta-se para o áudio da entrevista do goleiro Alex ao fim da partida. Emocionado, fala sobre a decepção de ver a Pantera mais uma vez rebaixada. A voz de Alex é coberta por um fundo preto e por algumas manchetes de jornal salientando a dramaticidade do depoimento. Getúlio, Edvaldo, Nicomédes e Darci Meneses falam sobre o sentimento de tristeza e abatimento que se deu então entre aqueles que são, de fato, democratenses.

Hadson Santiago, Tim Filho, Carlos Albuquerque, Nicomédes Felício, Osmar Xavier, Paulo de Tarso, e o ex-jogador Marcelo Melo indagam a falta de apoio da cidade para com o clube. Questionam a falta de abertura da presidência, apesar de enxergarem que sem o Edvaldo, o time não estaria na ativa. Edvaldo corrobora estas afirmações. Edmilson agradece aos presidentes que, segundo ele, vem mantendo o time nos últimos anos.

Após um fade, Diego Dunga relata que após a queda em 2012 chegou a temer que o time não voltasse mais à ativa. Imagens de treinamento do time ilustram o momento em que Diego fala que felizmente o Democrata conseguiu montar uma equipe para o ano de 2013.

Darci Meneses se diz otimista diante do clima positivo entre jogadores do Democrata. Com um time formado por jovens e antigos conhecidos dos Valadarenses, Osmar Xavier destaca o bom trabalho do técnico Marcos Badday. Esse, por sua vez, declara-se ciente da difícil tarefa, mas mostra-se confiante. Weldes e Marinho, jogadores do atual elenco, acreditam que o Democrata tem um bom time no papel, mas que isso deve ser provado nos gramados. Marinho ressalta ainda que "a segunda divisão não é o lugar do Democrata, por sua história, cidade e torcida." Muito menos otimista está Luiz Alves. Apesar de desejar o retorno à primeira divisão assume que essa é uma missão difícil para o atual Democrata. Paulo de Tarso ressalta ainda mais dificuldades que o Democrata irá enfrentar na série B, ao contabilizar sete grandes clubes, que sempre estiveram na primeira divisão e agora se encontram na série B. Marcelo Melo também mostra-se temeroso pelos confrontos contra Social, Betim, Uberaba e etc. Times que, segundo ele, estão mais preparados que o

Democrata. Quem quebra essa sequência meio pessimista é o presidente Edvaldo Soares, ao dizer que sabe das dificuldades mas confia no sucesso. O técnico Badday encerra o bloco esperançoso no grupo e em seu trabalho. Ele acredita estar diante da missão mais difícil dos últimos treinadores do clube.

### **PEÇA DE TRANSIÇÃO: (3)**

Neste momento será transcrito na tela informações acerca do mau desempenho do Democrata nos primeiros jogos do Campeonato Mineiro da segunda divisão em 2013. Informa-se que o treinador Marco Badday pediu demissão após uma sequência de derrotas. Mais uma vez, o técnico José Maria Pena é convidado para assumir o time. É ele quem entra falando ao dizer se tratar da "mesma história" de anos anteriores. O recurso dos letrados é novamente utilizado. Dessa vez para informar que o Democrata venceu as quatro partidas após a chegada de José Maria. Eliminava-se a chance de uma nova queda - desta vez para a terceira - e garantia-se uma vaga no quadrangular final. Porém, o time não manteve o ritmo e termina o ano de 2013 ainda na segunda divisão do campeonato estadual.

### **ENCERRAMENTO:**

Neste último trecho, a reunião de depoimentos tem o objetivo de descrever a situação atual do Democrata e as suas perspectivas. Ziquita, abatido, fala da decepção de ver a Pantera na segunda. Dona Zilda reconhece que o momento não é bom mas confia que tudo irá se resolver: "o time já foi bom, né?! Pode voltar a ser." Mostra-se imagens das taças e do estádio já quase vazio ao fim do jogo contra o Social. Parceirinho demonstra confiança no futuro do time: "Deus ajuda que a gente vai subir pra cima de novo!" José Maria Pena alfineta a direção ao dizer que o time precisa se estruturar e não pensar em voltar à primeira divisão. E o filme chega ao final com a fala do ex-jogador Luiz Alves: "gostaria que o Democrata pudesse ter.. não fica bravo comigo não, gente. Vocês que estão jogando aí hoje. Mas vocês poderiam ter Juvenal, Ziquita, Helinho, Tiziu, João Carlos, Neguinha, Hudson, Roberto Felipe, Wellington... faríamos uma história diferente!" Volta a imagem do estádio praticamente vazio enquanto toca o hino e sobem os créditos. Até que as luzes se apagam.